

CEJA >>

**CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS**

HISTÓRIA

Ensino Fundamental II

Cleyton Gomes de Souza, Sabrina Machado Campos e Paulo Henrique Silva Pacheco

Fascículo 7
Unidades 17, 18, 19 e 20

Fundação
CECIERJ
Consórcio cederj

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Wilson Witzel

Vice-Governador
Claudio Castro

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Leonardo Rodrigues

Secretário de Estado de Educação
Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIEJ)

Elaboração de Conteúdo
Cleyton Gomes de Souza
Sabrina Machado Campos
Paulo Henrique Silva Pacheco

Revisão de Conteúdo
Saulo Cezar Guimarães de Farias

Diretoria de Material Didático
Bruno José Peixoto

**Coordenação de
Design Instrucional**
Flávia Busnardo
Paulo Vasques de Miranda

Revisão de Língua Portuguesa
Licia Matos

Diretoria de Material Impresso
Ulisses Schnaider

Projeto Gráfico
Núbia Roma

Ilustração
Renan Alves

Programação Visual
Larissa Averbug
Camille Moraes

Capa
Fernando Romeiro

Produção Gráfica
Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2019 Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e/ou gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

H673

História : Ensino Fundamental II / Cleyton Gomes de Souza ...
[et. al.]. – Rio de Janeiro : Fundação Cecierj, 2018.
84p. ; 21x28 cm - (CEJA - Centro de Educação de Jovens e adultos)

Nota: Fascículo 7. Unidades 17, 18, 19 e 20
ISBN: 978-85-458-0163-4

1. História. 2. História do Brasil. 3. Brasil Imperial. I. Souza, Cleyton Gomes de. II. Farias, Saulo Cezar Guimarães de. III. Campos, Sabrina Machado. IV. Pacheco, Paulo Henrique Silva. V. Título. VI. Série.

CDD: 981.04

Sumário

Unidade 17	5
<hr/>	
A formação e a consolidação da República no Brasil	
Unidade 18	21
<hr/>	
A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa	
Unidade 19	35
<hr/>	
O ovo da serpente: a era das intolerâncias	
Unidade 20	51
<hr/>	
O mundo em guerras	

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço: <http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos “nome de usuário” e “senha”.

Feito isso, clique no botão “Acesso”. Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!

A formação e a consolidação da República no Brasil

História - Fascículo 7 - Unidade 17

Objetivos de aprendizagem

- 1.** Identificar os principais fatores que deram início ao processo de industrialização no Brasil.
- 2.** Explicar a importância das lutas operárias da Primeira República, na conquista dos direitos sociais.
- 3.** Destacar os elementos que nortearam os conflitos urbanos ocorridos na República no início do século XX.

Para início de conversa...



Figura 17.1: Bandeira do Brasil.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_do_Brasil#/media/File:Flag_of_Brazil.svg

A bandeira nacional é um símbolo utilizado pelos países para representarem os seus ideais de soberania e de nação. Para além de um pedaço de pano hasteado em um mastro, ela contém elementos da história, da luta e dos interesses gerais de um povo.

Com a bandeira do Brasil não é diferente! Criada no ano de 1889, ela foi pensada para simbolizar os ideais de um novo governo que surgia, a Primeira República brasileira. Ordem e progresso para quem? É o que vamos ver a partir de agora!

1. A ordem oligárquica

Fruto do desejo de mudança e das disputas políticas de alguns grupos, sobretudo militares e cafeicultores, em 15 de novembro de 1889 foi proclamada a República. O Brasil era um país recém-liberto da escravidão, essencialmente agrário, sem infraestrutura, indústria e profundamente desigual. Superar esses obstáculos era a tarefa principal do novo governo. E a quem caberia essa missão? Em um primeiro momento, aos militares, em um período que foi chamado de República da Espada (1889-1894).

Para enfrentar os problemas, foi adotado um lema com base no pensador francês Auguste Comte (1798-1857): “o amor por princípio e a ordem por base, o progresso por fim”. Mas no governo dos marechais a ordem não veio, nem o progresso. Revoltas violentamente reprimidas (essa era a ordem!) e fracassos na economia, esse foi o saldo que levou à substituição dos militares pela elite agrária a partir de 1894.

Foram, então, realizadas eleições diretas. Agora sim, os cidadãos decidiriam democraticamente! No entanto, não foi bem isso o que aconteceu, pois na Constituição de 1891 ficou definido: eleições diretas por meio de voto aberto (voto não secreto). Imagine só como era! E tem mais, somente homens maiores de idade e alfabetizados tinham direito a votar. Analise a **Figura 17.2**.



Figura 17.2: Voto de cabresto.

Fonte: http://2.bp.blogspot.com/_HK7tTmGUos/SLhBBAc1FI/AAAAAAAAAB28/TUDWSZnmPx8/s1600/voto+de+cabresto.bmp. Autor: Alfredo Storni (1927)

A maior parte da população vivia no interior e era analfabeta, logo, estava excluída do processo eleitoral. Os que votavam o faziam abertamente, o que permitia aos coronéis (fazendeiros que mandavam na região) o uso de seus jagunços para vigiá-los e pressioná-los a votarem no candidato indicado por eles. Mas isso era feito de graça? Não era bem assim. Pense nesta situação: a maioria dos homens que vota-

vam dependia dos empregos nas fazendas desses mesmos coronéis, de cuidados médicos e outros favores dos donos do “curral eleitoral”. Além dessa “troca de favores” havia o uso da força, da violência.

Se ligou na figura do eleitor como o “Zé burro”? Então, será que o eleitor era “burro” ou carente de tudo e, por isso, “encabrestado”?

AS PROXIMAS ELEIÇÕES!



Defunto -- O cavalheiro que vai á cidade quer ter a gentileza de me fazer visar este título de eleitor?

Figura 17.3: Eleitor fantasma.

Fonte: https://3.bp.blogspot.com/_39epwOkYhQ/SSMa_SWMQcl/AAAAAAAAAU/FIHHgOfPi3U/s1600-h/Caricatura+de+Yantok.jpg – Max Yantok

Oligarquia

Forma de governo em que o poder político está concentrado num pequeno número de pessoas pertencentes a uma mesma família, a um mesmo partido político, a um grupo econômico ou a uma corporação.

Até eleitores fantasmas votavam! Títulos de pessoas falecidas eram utilizados em fraudes eleitorais que faziam parte do esquema para garantir o poder político. Com esse esquema, as **oligarquias** agrárias se mantiveram nos poderes municipal, estadual e federal.

Foram 11 presidentes nessa República Oligárquica, a maioria ligada às elites dos estados com maior poder econômico, com destaque para São Paulo e Minas Gerais. Onde estava o poder econômico, também estava o poder político, e vice-versa. Enquanto isso, em outras partes do país continuava havendo muita miséria e revoltas.

Importante

Resistência no campo: Canudos

As condições de vida da população no campo eram miseráveis, sobretudo no sertão nordestino. Esquecidos pelo

poder público, os sertanejos enfrentavam a realidade com coragem e fé. Essa mistura fez surgirem movimentos messiânicos, que pregavam a vinda de um salvador para livrar o povo de todo o sofrimento. O caso mais emblemático foi o do Arraial de Canudos, no interior da Bahia. Sob a liderança religiosa do beato Antônio Conselheiro, milhares de sertanejos construíram uma comunidade praticamente autossuficiente que não respeitava as leis republicanas. As autoridades e os fazendeiros viram Canudos como uma ameaça monarquista e reagiram violentamente. Vai que a moda pega! Povo organizado sob suas próprias regras? Perigo demais para os que estavam no poder! Depois de muito resistir aos ataques das tropas federais, o arraial foi completamente destruído e todos os sertanejos foram mortos.

Perceba, não existia um Brasil, mas muitos brasis. E o tal progresso não chegou em todos nem para todos!

2. Industrialização: um caminho para o progresso

Progresso e industrialização eram sinônimos, à época. É bem verdade que, desde os tempos do império, já havia algumas iniciativas nesse sentido, como era o caso de algumas fábricas de tecidos. Contudo, elas eram raras, sendo realmente durante a República que o processo de industrialização começou a engrenar com um pouco mais de força, mas também enfrentando algumas resistências das oligarquias agrárias que se mantinham no poder.

Contudo, foram justamente os grandes fazendeiros de café os primeiros a investirem de forma mais organizada na indústria, já que conseguiram acumular capital (recursos necessários) para isso. Mas quase sempre esses investimentos estavam atrelados à agricultura para exportação (transporte ferroviário, fabricação de sacaria etc.).

Seguidos a eles, outro grupo igualmente importante foram os imigrantes que comercializavam produtos importados. Com o dinheiro acumulado na atividade comercial, esses estrangeiros passaram a

produzir, eles mesmos, as mercadorias que antes traziam do mercado externo e, assim, formaram várias indústrias aqui no Brasil.

Mas nem todos os imigrantes que vieram para cá eram comerciantes, muitos chegaram para trabalhar nas lavouras, sobretudo as de café. Outros tantos foram trabalhar nas indústrias que surgiam, e com isso migraram para as zonas urbanas. Veja abaixo um dos tradicionais redutos italianos em São Paulo, a Mooca.



Figura 17.4: Casario operário do início do século XX no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo.
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:S%C3%A3o_Paulo_-_casario_na_Mooca.jpg?uselang=pt

Italianos (grupo em maior número), espanhóis, portugueses, alemães, japoneses, entre outros imigrantes acreditavam na possibilidade de uma vida melhor, longe do desemprego e da guerra que aconteciam em seus locais de origem. O país que lhes oferecia um futuro mais próspero, contudo, tinha uma visão de trabalho ainda ligada à história recém-terminada da escravidão, e por isso o que aguardava esses corajosos operários eram condições duríssimas e desumanas de emprego.

Afinal de contas, a “ordem” aqui era outra, a cultura escravista não desapareceu com a abolição e os primeiros industriais, em grande medida, eram os antigos coronéis. Nascia, assim, o operariado brasileiro, influenciado pela formação operária dos imigrantes e explorado pela burguesia industrial com raízes no coronelismo.

A vida desses trabalhadores nas fábricas era precária. Recebiam baixos salários para grandes jornadas, sem qualquer benefício, como descanso semanal, férias ou aposentadoria. Para piorar, o ambiente era insalubre e perigoso, onde aconteciam vários acidentes de trabalho.

Toda essa situação não foi enfrentada passivamente, sem resistência. Movimentos de trabalhadores foram organizados para reivindicar mudanças desde a criação das primeiras indústrias. Eles eram em grande parte mobilizados por ideias socialistas ou anarquistas. No curso da história de organização e lutas operárias, surgem entidades de representação de diversas categorias, responsáveis por defender as causas trabalhistas, os sindicatos.

Importante

Socialistas e Anarquistas

No ano de 1890, na cidade do Rio de Janeiro, os socialistas fundaram o Partido Operário, cuja reivindicação principal era a diminuição da jornada de trabalho para 8 horas, assim como em São Paulo, de maioria anarquista. O caminho a seguir na luta por esse direito era o que diferenciava esses dois grupos. Enquanto os socialistas acreditavam nas vias democráticas, ou seja, nas disputas políticas por meio do voto, os anarquistas eram contrários à existência do Estado e por isso se negavam a participar das eleições. Para os anarquistas, a única forma de garantir direitos aos trabalhadores seria através de uma greve geral revolucionária.

A maioria dos patrões reprimia fortemente esses movimentos, não querendo nem ouvir falar de leis sociais de proteção ao trabalhador, a exemplo da diminuição da jornada diária para 8 horas. Há registros de que em algumas fábricas, as atividades operárias alcançavam 17 horas por dia, como era o caso da fábrica Mariângela dos Matarazzo, no ano

de 1907, quando os operários, sem interrupção, trabalhavam das 5 até as 22 horas.



Figura 17.5: Fachada da fábrica de tecelagem Mariângela.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tecelagem_Mari%C3%A2ngela_03.jpg?uselang=pt

Consideradas “casos de polícia”, as manifestações operárias eram sempre reprimidas a bala, sendo vitimados, vez ou outra, alguns dos manifestantes envolvidos. Foi o caso do líder operário anarquista Francisco Martinez, cuja morte provocou enorme revolta em seus companheiros de luta, acirrando ainda mais os enfrentamentos entre trabalhadores e policiais. Era a Greve Geral de 1917, a maior do período da Primeira República.

Visando a conquista de direitos como a redução do tempo de trabalho, aumentos salariais, pagamento com pontualidade e a abolição do trabalho infantil, em pouco tempo a mobilização operária se espalhou para várias regiões do Brasil.



Figura 17.6: Operários nas ruas na luta por direitos.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:S%C3%A3o_Paulo_\(Greve_de_1917\).jpg?uselang=pt](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:S%C3%A3o_Paulo_(Greve_de_1917).jpg?uselang=pt)

Toda a resistência e luta da classe trabalhadora não foram em vão. Nem tudo foi conquistado, mas a pressão culminou tempos depois na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), após o fim da República Oligárquica, no governo de Getúlio Vargas (1930-1945).

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 1

Economia e política são duas faces da mesma moeda, o poder. Essa relação entre o poder econômico e o poder político influenciou nos rumos da industrialização brasileira. Cite dois exemplos.

Anote as respostas em seu caderno.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 2

Muitos ainda hoje preservam na memória os feitos do presidente Getúlio Vargas, sendo a CLT um dos mais lembrados. Por essas e outras medidas, ele ficou conhecido como “pai dos pobres”. Depois de ter estudado sobre o movimento operário na Primeira República, o que você acha dessa ideia de que os direitos trabalhistas foram “dados” por Getúlio Vargas? Explique.

Anote as respostas em seu caderno.

Voltando àqueles tempos!

Na capital da República, a cidade do Rio de Janeiro, não bastassem as urgências de melhorias de condições nas fábricas e indústrias, os habitantes enfrentavam há anos problemas relacionados à falta de estrutura adequada de moradia e de saúde. É o que veremos a seguir.

3. Um novo cartão postal do Brasil

Manifestantes protestam contra choque de ordem da Prefeitura do Rio

Grupos de camelôs e sem-teto ocuparam entrada da Central do Brasil. Prefeito diz que vai manter ações ‘dentro da legalidade’.

Figura 17.7: Notícia do portal G1 do dia 13/03/09.

Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL1042251-5606,00-MANIFESTANTES+PROTESTAM+CONTRA+CHOQUE+DE+ORDEM+DA+PREFEITURA+DO+RIO.html>

“Choque de ordem” é um termo muito comum na história da cidade do Rio de Janeiro, sendo uma palavra-chave no discurso oficial que fala em pôr fim à desordem urbana e em consequentes condições propícias à criminalidade. Quando tal discurso é posto em prática, entretanto, gera uma onda de revoltas e manifestações, como demonstra a matéria jornalística exposta na **Figura 17.7**. A situação das camadas mais pobres da população, que moram ou trabalham no centro da cidade,

fica ainda mais prejudicada. Foi o que aconteceu na capital federal nos tempos da Primeira República.

O Rio de Janeiro à época, embora fosse o centro político e financeiro e tivesse o maior contingente populacional e consumidor do país, era tido como uma pocilga, ou seja, um lugar muito desorganizado e sujo. Para transformá-lo em um lugar atraente, moderno, higiênico e saudável, o presidente Rodrigues Alves deu ao então prefeito Pereira Passos a responsabilidade de fazer essa reforma. Para isso, ele chamou os engenheiros Paulo de Frontin e Francisco Bicalho, além do médico sanitário Oswaldo Cruz.

Foi um verdadeiro bota-abaixo. Cortiços foram demolidos para abrir espaço para ruas mais largas com prédios modernos, assim como para afastar a população pobre do centro da cidade. Varridos para fora do centro da capital, qual foi o destino dessas pessoas? As favelas!

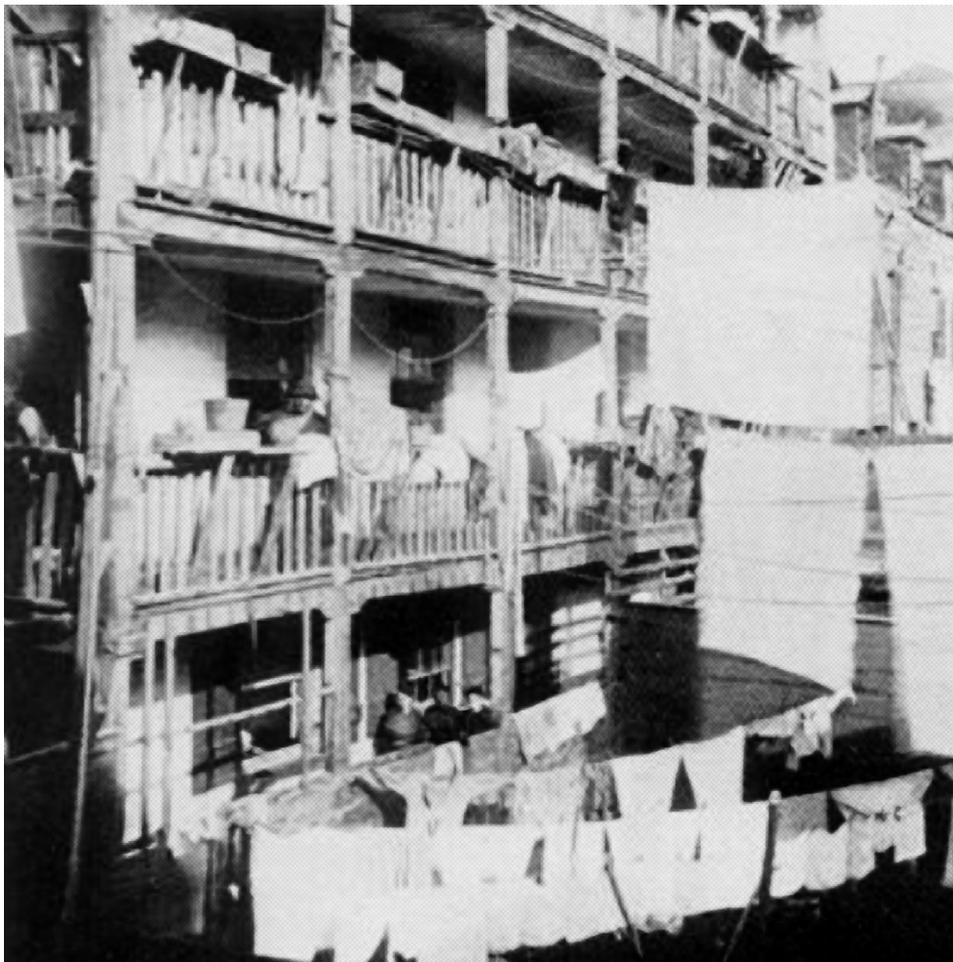


Figura 17.8: Os cortiços e as cabeças de porco eram habitações populares coletivas

Fonte: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11685/Entre%20des%28encantos%29%20mil%20da%20cidade%20maravilhosa%20instala%C3%A7%C3%A3o%20dos%20banheiros%20p%C3%ABalicos%20%281902-1906%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y> (página 19)

Se o progresso é o fim, então ele justifica os meios, ou seja, uma modernização excludente e autoritária. Mas ainda havia outra razão para o bota-abaixo, higienizar a cidade!

Febre amarela, peste bubônica e varíola: o Rio de Janeiro era um hospedeiro de doenças, propenso a surtos e epidemias. Para resolver esse quadro, em 31 de outubro de 1904, foi aprovado o regulamento da vacinação obrigatória contra a varíola. Seria, enfim, uma política para beneficiar a população? Se liga nessa letra:

Bem no braço do Zé Povo
Chega o tipo e logo vai
Enfiando aquele troço
A lanceta e tudo mais
Mas a lei manda que o povo
E o coitado do freguês
Vá gemendo na vacina
Ou então vá pro xadrez...

Foi bem assim como apresentado nessa bem-humorada cançoneta gravada em 1904. As brigadas sanitárias, acompanhadas por policiais, saíram vacinando à força a população.

O povo, cansado do descaso e de pagar a conta desse “progresso”, reagiu ocupando as ruas do Rio de Janeiro no dia 14 de novembro de 1904. Houve enfrentamento com a polícia e quebra-quebra. Gritos contra a vacinação obrigatória ecoavam pelas ruas da cidade, era a *Revolta da Vacina*.

“Ou então vá pro xadrez!” Esse foi o destino dos que foram presos nessa revolta; culpados ou não, foram mandados de navio para a prisão no Acre! E mais uma vez os reclames e as revoltas da população foram tratados como caso de polícia, e não de política, como prega o regime republicano.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 3

A cidade não para
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce...

Esse trecho da música “A cidade”, de Chico Science (1966-1997), evidencia a realidade das cidades brasileiras em nosso tempo. Reflita sobre o texto e responda às questões a seguir:

- 1) Em sua opinião, mudou muita coisa na realidade da maioria dos habitantes das cidades desde a Primeira República? Justifique sua resposta.
- 2) Como “os de baixo” reagiram às ordens dos “de cima” naquela época? Explique.

Anote as respostas em seu caderno.

Resumo

- Durante todo o período da Primeira República no Brasil (1889-1930), o domínio político esteve atrelado às elites econômicas (cafeicultores), sobretudo às oligarquias dos estados de São Paulo e Minas. A permanência desses grupos no poder político era garantida por um esquema de controle das eleições, com destaque para o papel dos coronéis nesse processo.
- Os esforços para a industrialização do Brasil durante esse período estiveram de algum modo ligados aos interesses agroexportadores. Os imigrantes também tiveram um importante papel, sobretudo, por ocasião da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), em que se investiu na indústria para substituição de importações, já que os países que forneciam produtos industrializados para o Brasil estavam impossibilitados pela guerra.
- O operariado brasileiro superexplorado encontrou nos ideais socialistas e anarquistas trazidos pelos imigrantes o combustível ideo-

lógico para organizar suas lutas contra as péssimas condições de trabalho e por direitos trabalhistas. Foram à luta por meio de manifestações, paralisações, boicotes e greves, como a Geral que aconteceu em 1917.

- As medidas tomadas pelo governo para promover o progresso não costumavam levar em consideração as necessidades da população pobre e trabalhadora da cidade e do campo. A população resistiu aos desmandos com movimentos contestatórios, como a Revolta da Vacina e Canudos.

Respostas das Atividades

Atividade 1

Grande parte dos investimentos na industrialização veio dos lucros acumulados pela elite cafeeira, que estava no controle da política, e por isso conseguia garantir que a economia agroexportadora fosse prioridade; outros que contribuíram com a industrialização chegaram aqui fugindo do desemprego e da guerra em seus países de origem.

Atividade 2

Não é correta, pois foram os trabalhadores organizados que forçaram essas conquistas por meio de protestos, greves e muita luta.

Atividade 3

1. Resposta pessoal. A expectativa é que se mencione que os interesses dos grupos econômicos e políticos costumam se sobrepõem às garantias mínimas e necessárias das populações mais pobres.

2. Reagiram com revolta, pois estavam cansados das políticas autoritárias que os desconsideravam enquanto cidadãos, como as demolições dos cortiços e a vacinação forçada. Um exemplo de revolta da época foi a Revolta da Vacina.

Exercícios

- 1.** Logo após a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, o jornalista Aristides Lobo escreveu o seguinte: “O povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava”. O que estava dizendo com isso era que:
 - a) o povo não tinha interesse na mudança de sistema de governo e preferia a monarquia.
 - b) foram os militares e a elite econômica da época (cafeicultores) os responsáveis pela proclamação, ficando a maior parte da população sem participar ativamente.
 - c) apenas os militares tinham interesse na mudança de governo.
 - d) foi um golpe da burguesia industrial.
- 2.** Você se lembra do seguinte questionamento, feito durante a exposição do conteúdo de nossa aula? “Então, será que o eleitor era “burro” ou carente de tudo e, por isso, “encabrestado?”. Este é o momento de responder e justificar sua resposta.
- 3.** Diga se está correta ou incorreta a afirmativa a seguir:

A economia brasileira, durante a República Velha, centrou-se em torno do café. Os processos de urbanização e o início da indústria no Brasil estão ligados a esse produto.



Figura 17.9: Manifestação contrária a nova legislação trabalhista, em 2017.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manifesta%C3%A7%C3%A3o_\(35820209696\).jpg?uselang=pt](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Manifesta%C3%A7%C3%A3o_(35820209696).jpg?uselang=pt)

- 4.** Com base na nova legislação trabalhista (2017), a contribuição sindical deixou de ser obrigatória. Anteriormente, o desconto era feito automaticamente uma vez por ano; a partir dessa mudança, o desconto só será feito se o trabalhador permitir.
- a) O que você acha dessa mudança? Como você imagina que os sindicatos vão se manter diante disso?
 - b) O papel dos sindicatos está em questão na atualidade, mas durante a Primeira República, como foi?
- 5.** A Primeira República foi um período turbulento da nossa história. Revoltas e mais revoltas, nos campos e nas cidades. Canudos e Revolta da Vacina são dois exemplos emblemáticos, pois:
- a) em ambos os casos o que se viu foi a revolta da população sertaneja contra as leis republicanas.
 - b) em ambos os casos o que se viu foi um forte sentimento antirrepublicano e a permanência de uma mentalidade monarquista.
 - c) revelam o quanto a população brasileira é conformada e pacífica, como até hoje muitos acreditam.
 - d) mostram claramente que as ações políticas à época tratavam os problemas sociais como casos de polícia.
-

Respostas dos Exercícios

1. Letra B.
2. Carente de tudo e, por isso, “encabrestado”. Acabavam ficando à mercê dos coronéis por dependerem de seus favores e também por conta da repressão violenta feita por eles, por meio de seus jagunços.
3. A afirmação está correta.
4. a) Resposta pessoal.
b) Os sindicatos surgiram como frutos das lutas dos trabalhadores contra a exploração dos patrões. Foram fundamentais na organização dos trabalhadores e nas conquistas dos direitos trabalhistas.
5. Letra D.

A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa

História - Fascículo 7- Unidade 18

Objetivos de aprendizagem

- 1.** Identificar os fatores que levaram à Primeira Guerra Mundial.
- 2.** Explicar as consequências da guerra. Explicar os interesses envolvidos no processo de independência do Brasil.
- 3.** Identificar os fatores que levaram a Rússia a uma revolução.
- 4.** Destacar as características da Rússia pré-revolucionária.
- 5.** Traçar em linhas gerais um quadro da Rússia imediatamente após a Revolução de 1917.

Para início de conversa...



Figura 18.1: Cartaz do filme Mulher Maravilha (2017).

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:P%C3%B4ster_Wonder_Woman.jpg



Figura 18.2: Cartaz do filme Anastásia (1997).

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Anastasia_\(filme_de_1997\).jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Anastasia_(filme_de_1997).jpg)

O que esses dois filmes têm em comum? Além de as personagens principais serem mulheres, as duas histórias são marcadas pelos acontecimentos de 1917, mas em lugares diferentes. O primeiro filme se passa na Europa, durante a Primeira Guerra Mundial, já o segundo, na Rússia, em São Petersburgo, em uma cidade marcada pela Revolução de 1917 e os fatos que se deram nos anos seguintes.

A partir da história dessas duas princesas, nesta unidade você estudará os fatores que levaram à Primeira Grande Guerra e suas consequências, a atuação da Rússia no conflito e os fatores e características da revolução que aconteceu em seu território.

1. Como se constrói uma guerra?

Durante um combate, um piloto americano vai parar em uma ilha afastada de tudo e encontra uma sociedade formada só por mulheres. Uma princesa, treinada para ser uma guerreira, descobre que o mundo dos homens está passando por uma guerra de proporção mundial e luta para conquistar a paz.

Com o objetivo de impedir o uso da arma de gás da Alemanha e negociar um armistício com o país, que era o maior inimigo, a Mulher Maravilha, ao lado do piloto e contando com a ajuda de um inglês, um russo e um francês, fazem uso de espionagem, lutam em trincheiras

e enfrentam uma artilharia pesada. Esse é o cenário do filme *Mulher Maravilha*, lançado em maio de 2017, que retrata um período muito particular da Primeira Guerra Mundial.

No mundo da ficção, os super-heróis sempre salvam a humanidade de algum perigo que, quase sempre, é causado por seu archi-inimigo. No mundo real, homens controlam os Estados movidos pelo poder, construindo alianças por interesses políticos e econômicos, além de travarem combates com países que possam atrapalhar seu desenvolvimento. É por essa série de acontecimentos que, na maioria dos filmes e histórias em quadrinhos, a Alemanha e a União Soviética são vistas como inimigas. Vamos começar a entender as razões disso?

Entre os anos de 1871 e 1914, a Europa vivia uma fase de plena expansão. A Revolução Industrial e a política imperialista possibilitaram que alguns países europeus acumulassem uma grande quantidade de capital, ou seja, dinheiro. Foi o caso da Alemanha, que passou a ser uma forte concorrente da Grã-Bretanha e da França, após a **unificação** de seu território.

O estado era de tensão! As potências europeias (países com alto poder econômico) disputavam colônias e mercados consumidores em todo o mundo. Para se ter uma ideia, o Império Russo e a Áustria-Hungria desejavam dominar a Sérvia. Os russos também disputavam com os alemães o controle da Polônia e da Europa Central, e a França tentava retomar as terras que tinha perdido para a Alemanha. Para garantir a integridade de seus territórios, os Estados europeus investiram no domínio militar, ou seja, na aquisição de armamentos e formação de exércitos, período que é conhecido como *Paz Armada*. Guerra, de fato, não havia. Porém, não por acaso, um fabricante de armas alemãs, entre os anos de 1900 e 1908, usou a frase “Se quer paz, prepara-te para a guerra”, para estimular a venda de um modelo de pistola para o exército alemão.

Muitos interesses estavam em jogo e, por essa razão, acordos políticos, econômicos e militares foram firmados, constituindo, em 1907, dois blocos opostos. De um lado, a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Itália formaram a Tríplice Aliança, do outro, França, Grã-Bretanha e Rússia, a Tríplice Entente. Depois dessas alianças, qualquer descontentamento seria a gota d'água para o início de uma guerra de proporção mundial.

Unificação

Processo que transformou os 39 estados que formavam a Confederação Germânica no império da Alemanha, em 1871, o que favoreceu o desenvolvimento e crescimento do poder alemão na Europa.

1.1 A gota d'água

Sarajevo, capital da Bósnia, 28 de junho de 1914. O príncipe herdeiro do trono da Áustria, o arquiduque Francisco Ferdinando, e sua esposa são assassinados enquanto visitavam a cidade. O autor do crime foi o estudante Gavrillo Princip, ligado a uma organização secreta da Sérvia. Essa foi uma das motivações para que a Primeira Guerra Mundial acontecesse. Mas por qual razão?

A visita do príncipe tinha o objetivo político de fortalecer o domínio austríaco na Bósnia e sua morte foi uma afronta para os austríacos, que invadiram a Sérvia um mês depois, motivando a participação dos países aliados, que não demoraram a entrar no conflito. No dia 29 de julho, a Rússia, apoiando a Sérvia, colocou seu exército contra a Áustria-Hungria e a Alemanha. No dia 1º de agosto, a Alemanha declarou guerra à Rússia e à França, e em pouco tempo a guerra se espalhou por toda a Europa. Mas o que os dois blocos não esperavam é que aquele conflito durasse tanto tempo. Tanto os países da Tríplice Entente quanto os da Tríplice Aliança esperavam um conflito rápido e decisivo, que não aconteceu. Durante a guerra, é possível destacar três fases:

1ª (1914-1915): a maior característica foi a movimentação militar dos países envolvidos, não houve grandes vitórias.

2ª (1915-1917): a movimentação dá lugar a outra estratégia, as **trincheiras**, sendo um período desgastante para as tropas.

3ª (1917-1918): em 1915 as alianças começam a sofrer alterações: por interesses territoriais, a Itália deixa a Tríplice Aliança para se aliar à Entente. Porém, 1917 é o ano em que os Estados Unidos entram na guerra, ao lado da Grã-Bretanha e da França, a Rússia retira seu exército e o Japão luta contra as colônias alemãs no leste asiático.

Trincheira

Caminho escavado pelos soldados no chão de barro, onde era possível se defender e atacar o inimigo, mas à mercê do frio e da chuva.



Figura 18.3: Nas trincheiras: Infantaria com máscaras de gás. Ypres, 1917.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Australian_infantry_small_box_respirators_Ypres_1917.jpg?uselang=pt

1.2 1917: um ano de grandes mudanças

Embora os efeitos da guerra tivessem tomado toda a Europa, isso não significou que todos os seus países tenham participado do conflito. Havia um acordo de neutralidade, ou seja, territórios que não participaram das alianças militares, porém, não se mantiveram totalmente isentos. Foi o caso da Dinamarca (que manteve comércio com os dois lados), da Espanha (que se aliou à Grã-Bretanha), da Noruega (que ajudou a marinha britânica), da Suécia (que patrocinou a Alemanha) e dos Países Baixos (que, mesmo tendo firmado um acordo com a Grã-Bretanha, negociaram com os dois lados), por exemplo.

Os Estados Unidos optaram pela não intervenção na guerra, mas apoiavam a Grã-Bretanha. Sua condição de neutralidade mudou para **beligerante** após seus navios comerciais terem sido atacados pelos submarinos alemães, causando grandes perdas materiais e muitas

Beligerante

Condição de quem passa a atuar militarmente em uma guerra como combatente.

mortes. A Alemanha também atacou os navios da Lusitânia, da Arábia e do Brasil, alegando que eles transportavam alimentos para os inimigos.

Aliando-se à Grã-Bretanha e à França, em abril de 1917 os Estados Unidos impulsionaram o poder bélico desses países, aumentando o número de soldados, navios e aviões de guerra. Essa participação foi decisiva, já que, em 1918, a Rússia deixou a guerra no final desse mesmo ano. No dia 11 de novembro de 1918, foi firmado um tratado, o **armistício** de Compiègne, entre os países aliados e a Alemanha. Coube ao exército alemão retirar suas tropas dos territórios que ocupavam na França, devolver materiais de guerras e submarinos aos adversários e pagar indenizações, o que levou à vitória da Tríplice Entente.

Armistício

Acordo em que os países envolvidos em uma guerra decidem parar de lutar.



Figura 18.4: Mapa da Europa em 1923.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_Europe_1923-pt-br.svg?uselang=pt

1.3 Há vitória no fim de uma guerra?

O nome Primeira Guerra Mundial não é por acaso. Até 1914, o mundo ainda não tinha visto um conflito que reunisse tantos países, e de forma tão equipada. O período da paz armada permitiu que as grandes potências se equipassem com armas de grande poder de destruição, como tanques, lança-chamas, gases tóxicos, submarinos com minas explosivas e aviões. Aproximadamente, 9 milhões de pessoas, entre civis e militares, morreram e cerca de 30 milhões ficaram feridos.

A situação de “estado de guerra” atingiu todos os setores sociais, afetando diretamente a vida das populações civis europeias. Em muitos países não havia como produzir alimentos, levando à falta de comida e ao aumento exagerado dos preços dos produtos de primeira necessidade. Na economia, houve uma verdadeira revolução, já que as mulheres e crianças tiveram que compensar a falta da mão de obra causada pelo recrutamento dos homens que serviram nas forças armadas. As fábricas se dedicaram à produção de armas e equipamentos militares, e as estradas e ferrovias serviam exclusivamente para os exércitos.

Outras consequências foram o fortalecimento dos Estados Unidos no cenário político e militar mundial; o desenvolvimento da industrialização brasileira; a constituição de novos países na Europa – Áustria, Hungria, Tchecoslováquia e Iugoslávia, a formação da Rússia soviética, Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia; e o fim de outros – Império Alemão e Império Russo.

E a paz? Após a guerra, a paz seria apenas para os vencedores. Em janeiro de 1919, sem a participação dos países derrotados, foi realizada a Conferência de Paris, que negociou as bases para se estabelecer um período pacífico. O resultado foi o Tratado de Versalhes, que impôs à Alemanha:

- a devolução à França da região de Alsácia-Lorena, tomada pelos alemães antes da guerra para exploração de carvão e ferro;
- a transferência de todas as suas colônias;
- o pagamento de indenização aos países vencedores;
- a redução do poder militar e a proibição do uso de aviação militar.

Tudo isso gerou um sentimento de revanche na Alemanha, e não demoraria muito para que outro conflito mundial acontecesse.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 1

Cem anos atrás, em 6 de abril de 1917, os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha e entraram na Primeira Guerra Mundial, o conflito global que iniciou o primeiro uso generalizado de armas químicas na guerra. [...] Ao longo da guerra – que durou de 28 de julho de 1914 a 11 de novembro de 1918 – cerca de 3.000 produtos químicos foram estudados para uso militar e 50 agentes tóxicos foram implantados em campos de batalha em toda a Europa (GONÇALVES, 2017).

Considerando que o período chamado de Paz Armada contribuiu para o desenvolvimento de gases tóxicos como arma, uma das inovações tecnológicas da Primeira Guerra Mundial, explique as consequências que o uso dessas armas químicas causou na sociedade europeia.

Anote as respostas em seu caderno.

2. A Rússia e a Revolução de 1917

Czar

Nome pelo qual foram conhecidos todos os imperadores que governaram a Rússia.

1916! O **Czar** Nicolau II (1894-1917) oferece um baile no Palácio de São Petersburgo, mas uma revolta popular acaba com a festa e declara fim ao Império Russo. Durante o tumulto, uma de suas filhas sofre um acidente e se perde da família. Sem lembrar quem era, ela passa a ser criada por trabalhadores urbanos, até que dez anos depois sua avó a reencontra. Esse é o enredo do Filme *Anastásia*, que retrata uma visão saudosa do que os norte-americanos acreditaram ter sido o melhor momento da Rússia. Entretanto, veremos que não foi bem assim...

Após ter dominado o acesso ao Mar Negro e afastado da Península Balcânica a influência do Império Austro-Húngaro, o Império Russo saiu da Primeira Guerra Mundial e foi cuidar de seus próprios conflitos. Enquanto a Inglaterra e a França eram potências europeias, a Rússia, até 1917, não passava de uma monarquia absolutista, ou seja, repre-

sentada pelo Czar, que exercia um governo centralizador. Por conta da enorme extensão territorial, o país tinha uma economia rural e utilizava como mão de obra camponeses pobres, que formava cerca de 80% da população do território. Esses trabalhadores viviam em condições de extrema dificuldade e opressão, pois eram privados de direitos, por estarem presos em um regime de servidão. O restante dos 20% dividia-se em trabalhadores das poucas indústrias existentes, uma nobreza rural (os latifundiários) e os militares. Esses dois últimos grupos recebiam privilégios dos czares.

Isso explica o atraso frente a outros países do ocidente europeu, em relação ao processo de industrialização. O Czar Alexander II, em 1861, deu início a um programa de reformas, com a intenção de transformar a Rússia em uma nação moderna e industrializada, investiu no exército e passou a ambicionar a expansão russa. Para dar conta desses novos projetos, os servos foram elevados à categoria de cidadãos, mas, ao contrário do que você pode pensar, essa nova condição da classe trabalhadora não aliviou as dificuldades. Ao receberem um pedaço de terra tão pequeno que nem era capaz de garantir uma sobrevivência digna, essa população se revoltou, mas foi brutalmente vencida pelas tropas dos czares.

Com investimentos estrangeiros, estradas de ferro foram construídas, aumentando a extração de carvão mineral, a produção de aço e petróleo. Se você pensou que esse desenvolvimento melhorou a vida dos trabalhadores urbanos, se enganou! A jornada de trabalho passou a ser de quase 16 horas diárias, os salários continuaram baixos e o risco de acidentes aumentou. É nesse momento que se destaca o Partido Operário Social-Democrata, que, inspirado no marxismo, criticava a exploração do trabalhador e defendia o socialismo. Em 1903, esse partido foi dividido, pois seus membros discordavam de como os trabalhadores poderiam chegar ao poder: os mencheviques (minoridade) acreditavam na aliança com a burguesia e os bolcheviques (maioria) ambicionavam a revolução e a ruptura com a monarquia absolutista. Mas os problemas não pararam! Lembra da expansão territorial? Então, em 1904, a Rússia entrou em guerra com o Japão pelo controle da Manchúria, no nordeste da China. Com a perda do exército russo, a tensão aumentou até explodir, em 1905, quando os operários em greve, acompanhados de suas famílias, foram ao palácio do Czar e reivindicaram melhores

condições de vida e a convocação de uma Assembleia Constituinte. Mais uma vez, a guarda imperial reagiu, matando centenas de manifestantes. Esse fato ficou conhecido como Domingo Sangrento. Como reação, foram formados os *soviets*, ou melhor, conselhos de representantes eleitos pelos operários, camponeses e soldados.

A partir de 1907, líderes de revoltas foram perseguidos e expulsos do país, o que agravou a tensão. O governo de Nicolau II não cumpriu as melhorias prometidas e a situação agravou ainda mais a situação do país ao participar da Grande Guerra, em 1914. Nesse ano, cerca de 13 milhões de soldados foram convocados às pressas e levaram armas ultrapassadas para o combate, e a produção industrial e o sistema de transportes não davam conta das necessidades da guerra. Em dois anos de conflito, a produção agrícola russa estava arrasada, os preços dos alimentos haviam subido e a maioria da população passava fome. Era preciso arrumar a casa!

2.1 A luta pela ascensão da classe trabalhadora

No dia 15 de março de 1917, no calendário ocidental, as forças que lutavam contra o poder do Czar conseguiram tirar do poder o imperador Nicolau II. Na vida real, sua esposa e seus cinco filhos foram executados. A princesa Anastácia morreu com 17 anos de idade, mas alguns acreditavam que ela tivesse conseguido escapar.

A conquista da classe trabalhadora se deu em três etapas:

1ª. Revolução branca: momento em que o governo russo é tomado pelos mencheviques, em que tentaram instituir uma república liberal, mas tendo no poder um príncipe russo.

2ª. Revolução vermelha: contrários ao governo liberal, os bolcheviques tomaram o poder e os *soviets* concordaram que o Conselho dos Comissários do Povo, sob a presidência de Lenin, assumisse o governo. As primeiras medidas tomadas foram: retirar os combatentes da Primeira Guerra Mundial, tomar as terras dos nobres e da Igreja e distribuí-las entre os camponeses, e promover a intervenção direta do governo na vida econômica do território.

3ª. Guerra civil: com o apoio da Inglaterra, França e Japão, as mo-

narquias russas tentaram recuperar o poder, atacando os bolcheviques. O Exército Vermelho saiu vitorioso e o Partido Bolchevique, que mudou de nome para Partido Comunista, tomou o comando total do governo, em 1920.

Os países capitalistas tentaram isolar o novo território socialista do cenário internacional, com a finalidade de impedir sua expansão. A solução do Partido Comunista para recuperar a economia foi a NEP (Nova Política Econômica), que permitia a criação de empresas privadas e empréstimos de capitais estrangeiros, práticas então consideradas capitalistas, que seriam implementadas no país soviético por tempo determinado. Na política instituiu-se uma ditadura, que não admitia oposição e que se fortaleceu com Josef Stalin, nomeado secretário-geral do partido.

Em 1922, o Império Russo se tornou União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), sendo formada por diversas repúblicas. Com a morte de Lenin, em 1924, ocorreu uma luta interna pelo poder, mas Stalin conseguiu vencer de Trotsky e expulsá-lo da União Soviética, em 1929, ano em que centralizou todo o poder em suas mãos. Diante disso tudo, você acha que a situação do trabalhador mudou?

Anote as respostas em seu caderno.



TRABALHO

 Compartilhar 15

 Compartilhar

 Tweetar

DESAFIOS

Em momento de 'ataque', metalúrgicos abrem campanha salarial

Categoria também irá lembrar dos 100 anos da Revolução Russa e da primeira greve geral no Brasil. "É importante resgatar momentos de resistência", diz sindicalista

Figura 18.5

Fonte: <http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2017/07/em-momento-de-ataque-metalurgicos-abrem-campanha-salarial-1>

Em 1917, acontecia a Revolução Russa. Operários e camponeses lutavam por melhores condições de trabalho e por direitos. No mesmo ano, no Brasil, 400 operários, em sua maioria mulheres, fizeram em São Paulo a primeira greve geral no país.

Você acha que as causas das lutas dos trabalhadores russos são as mesmas que motivam as causas operárias dos brasileiros? Justifique sua resposta.

Anote as respostas em seu caderno.

Resumo

- No período de 1871 a 1914, a Europa experimentou uma fase de plena expansão, em função dos efeitos da Revolução Industrial e da política imperialista. A Alemanha, já unificada, tornou-se um obstáculo para os interesses da Inglaterra e da França, e, por essa razão, todo o capital adquirido foi investido em armamentos e fortalecimento do exército, uma fase que foi chamada de Paz Armada. Unidas pelos interesses comuns, as potências se dividiram em dois blocos: Tríplice Aliança e Tríplice Entente.
- A morte do príncipe herdeiro do trono da Áustria, Francisco Ferdinando, foi a gota d'água para iniciar o começo de uma guerra de proporções mundiais, que atingiu diversos setores da sociedade civil, inclusive dos países não beligerantes. A entrada dos Estados Unidos marcou a vitória dos aliados. A derrota da Alemanha causou um sentimento de revanche na sociedade alemã.
- A Rússia saiu da Grande Guerra em 1918 para resolver problemas internos. Desde o final do século XIX, uma parte da classe trabalhadora russa lutava contra a monarquia absolutista dos czares. Os operários se reuniram em dois grupos políticos: os mencheviques e os bolcheviques.
- A situação interna do Império Russo foi agravada por duas situações: guerra contra o Japão, em 1904, que resultou no Domingo Sangrento, e a entrada na Primeira Guerra Mundial. Ambos os conflitos exigi-

ram muito da população pobre do país, que se revoltou contra o Czar Nicolau II em 1917.

- Com a queda do Czar e a ascensão da classe trabalhadora, houve uma disputa de poder. Os mencheviques, que assumiram o governo provisório, perderam o posto para os bolcheviques, que enfrentaram uma guerra civil contra os aliados da monarquia russa. Vitoriosos, os membros do Partido Comunista criaram estratégias para a recuperação econômica da região, como a NEP. Em 1922, o território se constituiu na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), sob uma ditadura, e sete anos depois Stalin centralizou o poder.

Referências

GONÇALVES, Mateus. A 1ª Guerra Mundial causou o desenvolvimento de armas químicas e mudou a guerra moderna. In: *Climatologia Geográfica*. 24 abr 2017. Disponível em: <<https://climatologiageografica.com/primeira-guerra-mundial-desencadeou-o-desenvolvimento-de-armas-quimicas-e-mudou-guerra-moderna/>>. Acesso em: 9 jan. 2019.

Respostas das Atividades

Atividade 1

O uso de armas químicas na Primeira Guerra Mundial, principalmente pela Alemanha, contribuiu significativamente para o aumento da mortalidade dos soldados. Ele consistiu em um modo de combate que rompeu com a estratégia planejada pela construção das trincheiras, chamada também de guerra das trincheiras, que atribuiu um caráter estático ao conflito.

Atividade 2

Resposta pessoal.

Exercícios

1. Como você definiria o período chamada Paz Armada?
2. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, podemos dizer que houve vencedores?
3. Explique como a entrada da Rússia na Primeira Guerra Mundial aumentou as tensões internas no território.
4. Quais fatores levaram o Czar Nicolau II a sair do governo, em 1917?
5. Quais foram as primeiras medidas do Partido Bolchevique quando tomou o poder na Rússia?

Respostas dos Exercícios

1. A Paz Armada foi um período de tensão, em que as principais potências europeias investiram seus capitais em armamentos, com o objetivo de defender seus interesses e territórios.
2. Não. Os países beligerantes europeus tiveram seus territórios devastados, mão de obra comprometida e falta de alimentos.
3. A participação dos russos na guerra exigiu mais da população, que viu seu sistema de transporte ser sucateado, a produção de alimentos acabar, além de muitas mortes.
4. As greves, os levantes nas forças armadas e a luta dos camponeses pela terra.
5. Terras dos nobres e da Igreja foram tomadas e distribuídas entre os camponeses, o governo interveio na economia e os soldados foram retirados da Primeira Guerra Mundial.

O ovo da serpente: a era das intolerâncias

História - Fascículo 7 - Unidade 19

Objetivos de aprendizagem

1. Identificar os motivos que levaram à Crise de 1929.
2. Destacar as soluções encontradas para solucionar a Crise de 1929.
3. Definir totalitarismo, especialmente no período entre guerras.
4. Caracterizar o Fascismo e o Nazismo.

1. Crise de 29: a primeira grande crise econômica do século XX

A crise de 1929 nos Estados Unidos tem relação direta com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A guerra deixou a Europa arrasada, sua capacidade produtiva foi reduzida drasticamente, tanto pela destruição de grande parte dos meios de produção, quanto pela perda de expressiva parcela da mão de obra. Desse modo, a procura de alimentos e matérias-primas na Europa, no pós- guerra, acabou estimulando a produção em outros países, que passaram a fornecer diversos artigos para o mercado europeu.

E você sabe quem mais se beneficiou? Os Estados Unidos. Mas como? Ora, em primeiro lugar, à custa do crescente endividamento dos países europeus no pós-guerra. Foi justamente nesse período que os EUA se tornaram uma das maiores nações credoras do mundo. Depois, os estadunidenses continuaram concedendo empréstimos aos países europeus, com elevadas taxas de juros. Sendo assim, a Primeira Guerra Mundial fez dos Estados Unidos o centro das finanças mundiais.

Outro ponto importante é que os EUA passaram a exportar produtos industrializados para a Europa em escala cada vez maior, aumentando sua produção industrial de modo formidável. As taxas de emprego subiram e entrava muito capital vindo da Europa no país. O país prosperava, as empresas lucravam cada vez mais, tudo indicava que a prosperidade americana era sólida o bastante para se firmar como um modo de vida a ser exportado para o mundo (o *American Way of Life*).

Mas e a Europa? Como ficou?

A Europa, por sua vez, depois do flagelo de um conflito armado, teve que passar pelos duros anos do pós-guerra. Os campos estavam devastados, a indústria arruinada, havia falta de mão de obra, já que boa parte da população masculina havia morrido nos campos de batalha e muitos estavam incapacitados para o trabalho por conta dos ferimentos de guerra. Um quadro catastrófico! Mas quando a situação é de ruína total (o que ocorre frequentemente após uma guerra), a tendência é de crescimento. Foi o que aconteceu com a Europa. A recuperação foi lenta, mas já perto do final dos anos 1920, a economia europeia estava

recuperada o bastante para diminuir o ritmo das importações que vinham dos EUA. Os europeus trataram de adotar medidas para proteger suas indústrias, restringindo as importações de produtos. Essas restrições provocaram problemas de superprodução nos Estados Unidos, que tinham nessa época a maior produção industrial do mundo.

O efeito foi terrível! A diminuição do consumo de produtos americanos na Europa fez com que os produtos ficassem encalhados, não havia quem os comprasse. Caíram os preços e a produção. O desemprego subiu. O comércio ficou praticamente paralisado. As ações despencaram e o mercado não teve como se sustentar. Finalmente, em 1929, a Bolsa de Nova York quebrou.

Saiba mais

Como funciona a Bolsa de Valores? Para atrair investidores, uma empresa coloca ações à venda. A ação é um documento que representa a propriedade de uma parte do capital de determinada empresa. Numa situação ideal, se a empresa tiver lucro, o preço das ações sobe, beneficiando os investidores, chamados acionistas. Caso os investimentos não produzam lucro, o preço das ações cai, prejudicando os investidores. Para reduzir os prejuízos, os acionistas procuram vender suas ações antes que os preços caiam demais.

1.1 Os efeitos da crise e o *New Deal*

Muitas economias nacionais, ao final da década de 1920, estavam articuladas umas às outras. Devido a essa interdependência, os efeitos da crise não se limitaram aos Estados Unidos. Eles se estenderam pela maior parte do mundo durante a década de 1930, atingindo até o Brasil. Apenas alguns países economicamente isolados, como o Nepal, o Butão e a União Soviética (URSS), entre outros, não foram atingidos.

A União Soviética, por exemplo, onde se programava o modelo socialista de economia planificada, havia sido isolada pelos países capitalistas após a guerra civil para que seu socialismo não fosse “exportado”. Naquela ocasião, o isolamento se tornou, ironicamente, bom para os soviéticos, pois não foram afetados pela crise.



Figura 19.1: Fila de famílias esperando por ajuda financeira. Diversos programas de ajuda social foram criados pelo governo dos Estados Unidos a partir de 1933.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Waiting_for_relief_checks_during_Great_depression.jpg?uselang=pt

Liberalismo econômico

Teoria econômica apresentada por pensadores como Adam Smith e David Ricardo que defendiam a não intervenção do Estado na economia. Para eles, deveriam ser valorizadas a liberdade da iniciativa econômica, a livre circulação da riqueza, a livre concorrência e a lei da oferta e da procura como mecanismo de regulação do mercado.

O New Deal

O *New Deal* foi uma das soluções para resolver a crise: ele consistia em uma série de medidas tomadas para a recuperação da economia americana.

New Deal significa *novo acordo*. Vamos ver na prática como ele funcionava?

Em 1933, em meio à crise que levou o mundo ao total desequilíbrio econômico, assumiu o poder nos Estados Unidos o presidente Franklin Roosevelt, eleito com a promessa de recuperar a economia do país.

Na prática, o *New Deal* era o abandono do **liberalismo econômico** e a adoção de uma política de intervenção direta do Estado na condução da economia, para combater a especulação e os efeitos do livre mercado.



Figura 19.2: Corrida aos bancos em 1933, em Nova York.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bank_Run_c1933.jpg?uselang=pt

As linhas gerais do New Deal

O programa previa mudanças na agricultura, na indústria e estímulo ao emprego, conforme as medidas mostradas a seguir:

- Agricultura: Adotaram-se medidas para aumentar os rendimentos dos agricultores, fixando limites à produção, recuperando os preços e fornecendo incentivos às exportações.
- Indústria: Para ajudar na recuperação das empresas, foi criado um programa de auxílio à indústria, que incluía concessão de financiamentos a juros baixos, compra de ações ou nacionalização de empresas em dificuldades ou em processo de falência.
- Empregos: A jornada de trabalho semanal foi reduzida; fixou-se um salário mínimo e realizou-se um programa de construção de obras e hospitais pelo governo, criando, assim, novos postos de trabalho.

O *New Deal* provocou queda no desemprego, aliviando a situação de milhões de famílias. A recuperação econômica foi financiada com dinheiro público, obtido com aumento de impostos.

Você deve estar pensando: mas por que os governantes brasileiros também não fazem isso? Boa questão para reflexão!

Com essa mudança política-econômica nos estados, por meio de grandes obras de infraestrutura, salário-desemprego, assistência aos trabalhadores e concessão de empréstimos, os Estados Unidos conseguiram, gradativamente, retomar seu crescimento econômico.

Em 1940, finalmente os efeitos da crise foram aliviados, em virtude das medidas adotadas pelo *New Deal* e também com o início da 2ª Guerra Mundial. Os EUA voltaram a emprestar dinheiro aos países europeus, que, por sua vez, foram novamente destruídos, tendo que, de novo, importar produtos de outros continentes, principalmente dos Estados Unidos.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 1

O que levou à queda da Bolsa de Valores de Nova York? Quais os seus efeitos para a Europa? Como os EUA solucionaram a crise?

Anote as respostas em seu caderno.

2. Fascismo e Nazismo: o passado que não podemos esquecer

O crescimento do nazifascismo está ligado à crise econômica dos anos 1930. Uma das características desses governos é a ideia de um Estado total, por isso também são conhecidos como governos totalitários. Nesse modelo, o Estado – teoricamente representando o coletivo – teria mais importância do que os indivíduos. Ele regulamenta todos os aspectos da vida dos cidadãos, inclusive a vida privada. O totalitarismo se define como um regime autoritário, militarista, centralizador, nacionalista, antidemocrático, que faz uso recorrente da violência – e, por conseguinte, do medo – como instrumento de controle e vigilância. Nele, as garantias individuais e constitucionais não são respeitadas, e os meios de comunicação são censurados e vigiados pelo Estado.

Assim, apesar de o nazifascismo ter sua origem antes da crise econômica mundial – conhecida como a crise de superprodução de 1929, que acabamos de estudar –, foi a partir dela que esses movimentos totalitários cresceram e conseguiram se afirmar como alternativa aos regimes democráticos. Estes eram acusados de fracos, permissivos, sem condições de resolver os transtornos decorrentes da crise. Assim, governos como o Fascismo na Itália e o Nazismo na Alemanha, exemplos de regimes totalitários, apareceram como “salvadores da pátria”, com líderes fortes, “de pulso”, que poderiam solucionar todas as dificuldades desses países. Acho que você já deve ter ouvido discursos semelhantes no Brasil também. Mas será que eles realmente resolveram os problemas? Qual o custo desses tipos de governo para a nação e para o mundo? Será que valeu a pena? Vamos refletir juntos sobre essas questões!

2.1 Itália: Fascismo à la Mussolini

A Itália terminou a Primeira Guerra se sentindo traída, porque, apesar de ter feito parte do grupo vencedor – a Tríplice Entente –, não recebeu o que lhe havia sido prometido. Além disso, como você já viu no início desta aula, ela, como os demais países europeus, saiu destruída do conflito: sem infraestrutura, meios de produção esfacelados, sem mão de obra (grande parte de sua população masculina morta ou mutilada), sem matéria prima. Enfim, a Itália vivia uma grave crise econômica, social, política, e até mesmo moral.

Diante desse quadro, surgiu o movimento *Fasci di Combattimento*, grupo paramilitar liderado por Benito Mussolini, que, em 1922, promoveu a Marcha sobre Roma, protesto em que se exigia a entrega do poder a Mussolini. Diante de seu crescimento, o rei o convocou para compor o governo. Mussolini passou, cada vez mais, a centralizar o poder em suas mãos e, por meio de investimento em obras públicas, conseguiu certa melhoria no setor econômico do país. Contudo, com a crise de 29 e sua propagação para a Europa, a instabilidade voltou a assombrar a Itália e, como saída, Mussolini estimulou a expansão territorial principalmente em terras africanas.

Curiosidades 🔍

Fascio, em italiano, quer dizer *feixe*, e era o principal símbolo do Fascismo. A palavra se referia ao feixe de varas usado pelos antigos generais romanos responsáveis pelas execuções da Justiça. Esses oficiais usavam um molho de varas em torno de uma machadinha. Os fascistas adotaram esse símbolo para fazer crer que puniriam os responsáveis pela crise vivida pelo povo italiano.



Figura 19.3: Mussolini (à esquerda) e Hitler (à direita).

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bundesarchiv_Bild_146-1969-065-24,_M%C3%BCnchener_Abkommen,_Ankunft_Mussolini.jpg?uselang=pt

2.2 Na Alemanha domina o Nazismo

Em 1918, a 1ª Guerra chega ao fim com a derrota das potências centrais. Aos perdedores foram impostas pesadas punições. O caso mais emblemático foi o da Alemanha, que, por meio, principalmente, do Tratado de Versalhes, foi considerada a grande culpada pela guerra, ficando, dessa forma, proibida de desenvolver a indústria bélica (de guerra), além de ter perdido suas colônias e sido obrigada a pagar pesadas indenizações aos países vitoriosos.

Pense: se os países do lado vencedor saíram destruídos, imagine a Alemanha, considerada a grande vilã da guerra. Simplesmente ela es-

tava aniquilada! Sua população passava por uma das piores crises de sua história.

Diante desse quadro, não é difícil imaginar que os nazistas encontraram um terreno fértil para suas ideias. Uma das grandes diferenças do nazismo para os demais movimentos totalitários é o mito da superioridade racial. Para eles, a raça ariana deveria dominar o mundo e subjugar os demais povos, visto que era a raça superior.

Diante dessas concepções, os nazistas, liderados por Hitler, insuflavam a população alemã, estimulando o nacionalismo exacerbado, culpando o governo democrático pela humilhação sofrida nos tratados do final da guerra e pela crise decorrente desses acordos. Com o intuito de fortalecer seu movimento por meio da propagação das ideias nacionalistas, pretendiam unificar os alemães contra grupos minoritários, incitando o povo “ariano” contra os judeus, ciganos, deficientes, homossexuais, entre outros.

Saiba mais

Arianismo e antissemitismo

O arianismo e o antissemitismo foram as duas principais teorias racistas adotadas pelo regime nazista.

A origem do mito da superioridade da raça ariana vem do século XIX. Muitos etnólogos (pessoas que estudam povos ou etnias) desse período fizeram pesquisas que indicavam que os europeus de raça branca descendiam dos Árias, um povo que se estabeleceu no planalto iraniano em uma data que gira em torno do terceiro milênio antes de Cristo.

Mais tarde, alguns teóricos indicaram que a população germânica era uma descendência relativamente “pura” dos Árias. Os nazistas chegaram mais tarde e, aproveitando o momento político instável, atribuíram todos os problemas da Alemanha à mistura da suposta raça ariana alemã com outros povos. Os judeus eram apontados pelos nazistas como os principais responsáveis pela ruína dos alemães.

O principal instrumento de arianização da Alemanha consistia no extermínio dos judeus e dos ciganos, considerados povos inferiores. O extermínio de homossexuais, de-

ficientes físicos e mentais também era considerado um instrumento de purificação da raça ariana.

Com o apoio dos grandes industriais e do exército, que temiam o fortalecimento dos movimentos de esquerda, os nazistas cresciam e aumentavam sua popularidade.

Curiosidades 🔍

Entre as estratégias do regime nazista, estavam os princípios do *pangermanismo* e do *Espaço Vital*.

- Pangermanismo: segundo essa tese, o Estado alemão deveria reunir todos os alemães que viviam em outros países em uma mesma nação e, em seguida, estender seu domínio sobre outros territórios para assegurar sua permanência como potência mundial.
 - Espaço Vital: Por esse princípio, os “povos inferiores” deveriam ser dominados e parte de sua população eliminada, garantindo-se territórios onde os alemães, a “raça superior”, pudessem se multiplicar e viver adequadamente.
-

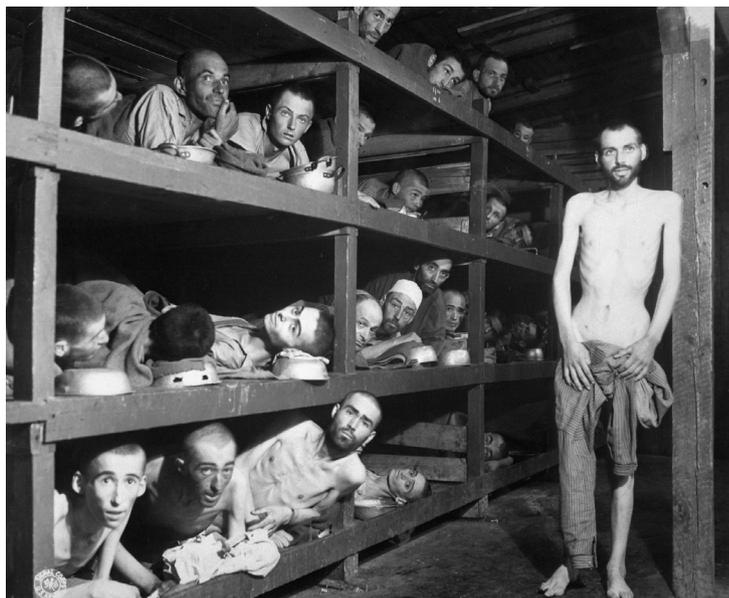


Figura 19.4: Campo de concentração.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Buchenwald_Slave_Laborers_Liberation.jpg?uselang=pt

Durante os anos de crescimento do nazifascismo na Europa, milhares de pessoas foram presas, separadas de suas famílias, colocadas em guetos, humilhadas, assassinadas, usadas de cobaias em experiências científicas, como mão de obra barata para as indústrias e foram vítimas dos campos de concentração. Será que valeu a pena? Será que em nome de uma reestruturação político-econômica, milhões de pessoas deveriam ter perdido a vida? O que leva hoje pessoas a ainda defenderem um regime como esse?

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 2

Defina e caracterize regimes totalitários, com destaque para o Nazismo.

Anote as respostas em seu caderno.

Resumo

- A Crise de 1929 foi uma crise de superprodução ocorrida nos Estados Unidos, provocada por fatores internos, como a concentração de renda, e por fatores externos, como a reestruturação da Europa após a 1ª Guerra Mundial.
- Como solução, surgiu o plano conhecido como *New Deal*, que funcionava com o governo regulando os preços e a produção das indústrias e das fazendas, controlando, assim, a inflação. As obras públicas fizeram parte desse plano, o que diminuiu o desemprego.
- A crise econômica permitiu o desenvolvimento de governos totalitários, como o fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha, em que direitos civis e constitucionais foram negados e as liberdades cerceadas, com forte censura e a repressão.

Respostas das Atividades

Atividade 1

No período após a 1ª Guerra, os EUA viviam o apogeu econômico, com desenvolvimento a todo vapor. Porém, apesar de o país estar em plena ascensão, o aumento de produção e os aumentos de salários não caminharam na mesma direção, já que o aumento de produção dependia do consumidor e este, por sua vez, estava sem poder de compra. O que era produzido começou a ficar encalhado, fazendo com que os estoques de mercadorias crescessem cada vez mais. Sem contar que a mecanização nas fábricas acabou gerando muito desemprego.

Como se já não bastassem os problemas internos, a Europa, como potencial cliente de mercadorias produzidas nos EUA, já a esse tempo havia se recuperado, não completamente, mas de maneira a não precisar tanto dos EUA, reduzindo suas compras. Isso deixou os norte-americanos em situação bem difícil, com a superprodução provocada pelo subconsumo, que gerou a queda geral dos preços e a especulação, culminando na queda da Bolsa de Nova York.

Como muitas nações dependiam do crédito norte-americano e, quando ele foi suspenso, sofreram forte abalo, houve o fechamento de bancos, falências, desvalorização da moeda e desemprego. No início da década de 1930, o número de pessoas desempregadas no mundo estava em torno de 40 milhões.

Uma das medidas que auxiliaram a saída da crise foi o *New Deal*, acordo a partir do qual o Estado intervinha na economia, principalmente na agricultura, na indústria e nas obras públicas.

Atividade 2

Totalitarismo é um regime extremo, em que a vontade do grupo governante se confunde com a do Estado. A intervenção do Estado na vida das pessoas é a máxima possível. A propaganda ideológica do regime é intensa e a imprensa, a cultura e o sistema educacional são diariamente controlados. Em diversos países, com o capitalismo em crise, abriu-se caminho para a implantação de regimes totalitários. Do ponto de vista das classes dominantes, eles eram a única forma de governo

capaz de recompor a ordem econômica das nações afetadas pela crise no sistema capitalista da Europa, especialmente depois da Primeira Grande Guerra e da queda da Bolsa de Nova York.

Outra característica do regime totalitário é o uso da força, ou seja, quem não concordar com o regime é considerado inimigo nacional, sendo perseguido, preso e quase sempre morto.

Nesse modelo, o Nazismo defendeu o racismo, a superioridade da raça ariana e a luta pelo expansionismo alemão, e negou o estabelecimento da democracia liberal e a Revolução Socialista. A essência da ideologia nazista encontra-se no livro de Hitler, *Minha luta (Mein Kampf)*.

Exercícios

1. O gráfico a seguir apresenta a variação do número de desempregados nos Estados Unidos entre 1929 e 1942.



Figura 19.5

A partir das informações presentes no gráfico anterior e do que foi estudado sobre a crise de 29, pode-se concluir que:

- a) a crise de 29 ocasionou o aumento dos investimentos industriais nos Estados Unidos, especialmente no setor bélico, estimulando uma nova corrida armamentista.
- b) o New Deal estimulou investimentos em obras públicas e na agricultura, tendo como um de seus desdobramentos a redução do número de desempregados.

c) o retorno aos índices de desemprego a níveis inferiores ao da crise de 1929 somente ocorreu por ocasião do início da II Guerra Mundial, em 1939, deflagrada pelos EUA.

d) correlacionada ao enorme índice de desemprego, a economia norte-americana viveu, em 1929, uma crise recessiva ininterrupta devido à eclosão da 1ª Guerra Mundial.

2. “O nazismo não era um movimento completamente novo, mas o resultado da fusão e da reelaboração de ideias e sentimentos há longo tempo presentes na sociedade alemã. [...] Foi o nazismo, porém, que conseguiu sobressair, absorver ou eliminar os outros movimentos e conquistar o poder”.

Sobre o nazismo, conclui-se que:

a) procurou transformar a estrutura da sociedade alemã socializando a propriedade da terra.

b) não contou com a sensibilidade da classe média, pois esta não aderiu a esse movimento.

c) teve o racismo como um de seus pontos fundamentais, ilustrando a concepção de uma raça superior.

d) não sofreu influência da crise de 1929, pois esta não se inserira na economia internacional do pós-guerra.

3. Sobre a Crise de 1929, entende-se que:

a) estimulou a solidariedade entre norte-americanos e estrangeiros, diminuindo a discriminação social.

b) determinou o enfraquecimento da economia soviética.

c) favoreceu a ascensão dos regimes totalitários na Europa.

d) impulsionou a exportação dos produtos latino-americanos para os EUA.

4. Leia atentamente as afirmativas abaixo. Depois assinale a sequência correta em relação a ser verdadeira (V) ou falsa (F):

() A crise econômica de 1929 foi provocada pela superprodução, a diminuição das exportações/importações e a especulação.

() O American way of life, nos Estados Unidos, foi exportado como modelo ideal de sociedade a ser seguido pelos demais países.

() O excesso de oferta acumulou grandes estoques que, sem compradores, fez os produtos encalharem nas prateleiras.

() O término da 1ª Guerra não representou relevância no contexto da crise do capitalismo em 1929.

a) V-V-F-V

b) V-F-V-F

c) V-V-V-F

d) F-V-F- F

5. E hoje, essas ideias nazifascistas ainda são encontradas em nossa sociedade? O que você acha sobre essas ideias e práticas? Por quê?

Respostas dos Exercícios

1. Letra B.
2. Letra C.
3. Letra C.
4. Letra C.
5. Resposta pessoal. O aluno deve perceber o perigo da propagação das ideias totalitárias para a liberdade e para a democracia. Ao mesmo tempo, observar seu crescimento mundial e no Brasil.

Para início de conversa...



Figura 20.1: Cartazes de filmes com temática de heróis.

Fontes: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Captainamerica1.jpg> ; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:007FRWLposter.jpg>

Você conhece esses personagens dos quadrinhos e do cinema? Se sim, já deve estar rememorando alguma história de ambos, mas se não, deve estar se perguntando: o que esses personagens têm a ver com a 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria? Vamos matar essa curiosidade histórica por partes!

Steve Rogers, um rapaz fraco, esquelético, deseja de qualquer forma participar dos esforços estadunidenses para vencer a guerra, mas tem seu alistamento recusado justamente por suas características físicas. Até que consegue fazer parte de um experimento científico do exército americano para a criação de “supersoldados”: fortes, velozes e ágeis. Acontece que um agente duplo a serviço de Hitler mata o cientista que criou o “soro do supersoldado”, e sua fórmula se vai junto com sua vida, tornando Steve Rogers o único, o Capitão América!

Essa é só mais uma historinha despretensiosa, certo? Não! Esse personagem foi criado durante a Segunda Guerra Mundial, por volta de 1941, quando os EUA ainda estavam fora do conflito e a Alemanha, sob o comando de Hitler, estava arrasando a Europa. O Capitão América, portanto, era um super-herói vestido com as cores estadunidenses na

luta contra os nazistas, propaganda patriótica para mobilizar a sociedade estadunidense sobre a necessidade de enfrentar os inimigos.

“Meu nome é Bond, James Bond”, assim se apresentava o carismático, sedutor e invencível agente 007, herói britânico que lutava contra os vilões a serviço da União Soviética. Sir Ian Lancaster Fleming criou o personagem por volta de 1953, momento em que a tensão bipolar entre Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS) – a Guerra Fria – deixava a Inglaterra em segundo plano, como uma potência menor. Sim, um agente britânico, e não um americano, responsável por salvar o mundo da ameaça comunista! Interessante, não é mesmo? Pois é, por mais que se fale em agentes de espionagem americanos e soviéticos, o espião mais famoso que o cinema produziu é britânico.

E aí, faz sentido agora?

Agora é hora de História, vamos lá!

1. Vamos apaziguar

Vamos apaziguar! Essa era a postura da Liga das Nações (órgão internacional fundado ao final da Primeira Guerra para garantir a paz entre os países). França e Inglaterra enxergavam o fortalecimento alemão como um freio ao comunismo soviético, calculando, assim, que a busca alemã pelo espaço vital se limitaria ao leste europeu. O Pacto Anti-Komintern, estabelecido em 1936 entre Alemanha e Japão, com o intuito de barrar a expansão soviética, os fazia crer nessa espécie prestação de serviço e nesse limite. Estavam enganados: a política de apaziguamento fracassou e não foi por falta de indícios e avisos. Winston Churchill, membro do Partido Conservador britânico, foi um dos poucos a perceber e denunciar as intenções expansionistas da Alemanha nazista.

Hitler pôs as garras de fora. Apoiou diretamente o ditador general Francisco Franco na Guerra Civil Espanhola, em 1936; remilitarizou a região da Renânia, na fronteira com a França, também em 1936; anexou a Áustria em 1938; ainda em 1938 conseguiu, pelo Tratado de Munique, com o aval das potências ocidentais, a posse dos Sudetos, na Tchecoslováquia, alegando que naquela região havia maioria alemã; e ainda firmou a aliança militar com a Itália de Mussolini e com o Japão de Hiroito, formando, assim, o Eixo.

Não parando por aí, Hitler deu mais uma cartada no jogo, pegando de surpresa as potências europeias. Em fins de 1939, firmou um pacto de não agressão com a União Soviética. Estranho, não é? Não mexe comigo que eu não mexo contigo e pronto? Não foi bem assim! Com esse acordo, Hitler conseguiu carta branca para invadir a Polônia e, em caso de guerra, a Alemanha não precisaria lutar em duas frentes; enquanto isso, Stálin obteve garantias mínimas de que os soviéticos não seriam atacados, além de ter parte do território polonês sob seu poder. Já ouviu a expressão *corredor polonês*? É sobre essa história aí entre alemães e soviéticos. A questão é que Hitler não era muito afeito a cumprir acordos!

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 1

"O PIOR SURDO É AQUELE QUE NÃO QUER OUVIR..."



— Há muito tempo que o Sr. está aí incomodando minha afilhada! Façamos claro: as suas intenções são boas?
— Não senhor!
— Ah! Bem! Pensei que as suas intenções não eram boas...

17-9-1938

Figura 20.2: Charge do desenhista paulista Belmonte (1896-1947).

Fonte: https://1.bp.blogspot.com/-PFGq6slEDcg/VwQs_iAZNsI/AAAAAAAAAloc/IFqLdPTDoMTKdnYtDDrzeqZcURGwopmw/s1600/belmonte3.JPG

A charge apresenta uma espécie de título: “O pior surdo é aquele que não quer ouvir”. Observando o desenho e a crítica nele presente, responda: não quer, não pode ou não tem interesse? Justifique sua resposta com base nos antecedentes da 2ª Guerra Mundial estudados.

Anote as respostas em seu caderno.

2. O tempo fechou

Foi então que, em 1º de setembro de 1939, os alemães invadiram o oeste da Polônia, e aí já não dava mais para fingir que nada estava acontecendo. Em 3 de setembro, França e Inglaterra declaram guerra à Alemanha.

A ofensiva nazista era relâmpago (Blitzkrieg): bombardeavam o território inimigo com a Luftwaffe (força aérea) e, na sequência, ocupavam com os tanques. Com essa tática, submeteram rapidamente Dinamarca, Noruega, Holanda e Bélgica a seu domínio. O alvo seguinte foi o antigo desafeto: a França! Em 14 de junho de 1940, Paris foi ocupada pelas tropas nazistas.

Importante

Colaboração e resistência

Depois da ocupação nazista, a França foi dividida: o norte ficou sob o domínio direto dos alemães e o sul foi entregue a Pétain, um militar francês que concordou em colaborar com os nazistas. Sediado na cidade de Vichy, o governo colaboracionista comandado por Pétain foi visto por parte dos franceses como uma espécie de salvador da pátria, pois a colaboração com os nazistas os livrou dos bombardeios, mas, além disso, havia uma aproximação ideológica com o anticomunismo e o antisemitismo nazista. Se houve aceitação, houve resistência também, e muita! Anônimos nas páginas da história da guerra, grupos de cidadãos (mulheres e homens franceses e de outras nacionalidades) resistiram à opressão e foram decisivos nas frentes de combate à ocupação nazista.

O cenário da guerra apresentava um domínio quase total por parte das forças do Eixo. Com a moral em alta, não tardou que esse lado recebesse apoio de outros países, como a Bulgária, a Romênia e a Hungria. Outros que eram simpáticos ao Eixo se mantiveram neutros, foram os casos da Espanha e de Portugal.

Quase total? Isso mesmo, quase, porque, ao tentar invadir a Inglaterra, a Luftwaffe foi derrotada pela Royal Air Force – RAF (força aérea inglesa). No combate terrestre os nazistas também sofreram com a resistência inglesa. Os sucessivos desgastes fizeram Hitler recuar. Seu parceiro, Mussolini, viu suas tropas serem derrotadas no Egito pelos ingleses. Diante dessa situação, Hitler prestou ajuda aos italianos mandando uma força especial, a *Afrika Korps*, para combater as forças Aliadas, o que deu resultado até 1942.

A esta altura você deve estar se perguntando: o pacto de não agressão firmado entre Hitler e Stálin ainda estava de pé? Dessa vez Hitler cumpriu com sua palavra? A resposta é que, para variar, ele descumpriu e invadiu o território soviético em junho de 1941. O avanço nazista foi rápido e, pelo caminho, o número de cadáveres foi alto; uma após uma, as cidades soviéticas caíram nas mãos dos nazistas. Era a *Operação Barbarossa*, a maior ofensiva militar alemã de todos os tempos, que tinha como objetivos principais derrotar o comunismo soviético e controlar os recursos do país, em particular o petróleo e a produção industrial. Acuados, os soviéticos foram recuando, usando a tática de *terra arrasada*: destruíam tudo o que fosse útil aos inimigos (hospitais, fábricas, plantações etc.) e, com isso, conseguiram tempo para reorganizar as forças. Ainda assim a vitória nazista parecia estar próxima, mas só parecia! Nas proximidades de Moscou, a resistência do Exército Vermelho se fez presente e pôs em questão o mito da invencibilidade do exército alemão. Deixemos o desfecho desse front para o fim!

Indochina

Região no sudeste asiático que foi dominada pela França entre meados do século XIX e do XX, onde hoje estão três países: Vietnã, Laos e Camboja.

Até agora nada de Estados Unidos, nada de Capitão América! É chegada a hora! Ainda em 1941, o Japão pôs no campo de batalha quem faltava, os EUA. Como? Bombardeando a base aeronaval americana de Pearl Harbor, no Havaí. Foi a gota d'água! Por qual razão? Os Estados Unidos, em represália à invasão japonesa na **Indochina**, impuseram uma série de sanções econômicas que prejudicaram os interesses ja-

ponezes. Logo de início, as forças estadunidenses amargaram uma série de derrotas para os japoneses, até que, na batalha naval de Midway (junho de 1942), o jogo virou, mas essa guerra particular dentro da 2ª Guerra Mundial ainda estava longe de acabar.

O cenário da guerra tinha mudado com a entrada dos soviéticos e dos estadunidenses no front de batalha. Seria o começo do fim para os nazistas e para o Eixo? Vamos ver!

Deixamos o desfecho desse front para o fim! Lembra? Chegou a hora!

Contidas pelos soviéticos em Moscou, em fevereiro de 1942 as tropas alemãs rumaram para Stalingrado e lá sofreram um golpe decisivo para o desfecho final da 2ª Guerra Mundial. A Batalha de Stalingrado foi a mais sangrenta da guerra, arrastando-se por meses, com avanços e recuos de ambos os lados. Famintos e flagelados pelas batalhas e pelo inverno soviético, os soldados alemães foram cercados e forçados à rendição pelo Exército Vermelho. A primeira frente aliada (União soviética) foi varrendo os alemães rumo a Berlim. No Pacífico, os Estados Unidos derrotavam os japoneses e, com isso, passaram a combater junto aos ingleses contra as forças nazifascistas alemãs e italianas. Abriam a segunda frente aliada e, em setembro de 1943, submeteram os italianos à rendição, ainda restando alguma resistência ao norte do país.

Uma terceira frente aliada desembarcou em junho de 1944 na Normandia, norte da França, era o famoso *Dia D*; em agosto do mesmo ano conseguiram libertar Paris do domínio nazista.

Em fins de 1944, as três frentes marcharam sobre o território alemão, alcançando Berlim em abril de 1945. A guerra estava definida a favor dos Aliados.

Hitler estava doente e derrotado, mas se negava a abandonar Berlim. Refugiado num *Bunker* (buraco fortificado, esconderijo), recebeu a notícia de que, na Itália, o ditador fascista Mussolini e sua companheira haviam sido fuzilados e pendurados de cabeça para baixo em praça pública, diante de uma multidão que comemorava. Enquanto isso, os soviéticos bombardeavam Berlim diariamente. Por fim, a resistência alemã resumia-se às crianças da Juventude Hitlerista, em vão.



Figura 20.3: Jornal norte-americano anunciando a morte de Adolf Hitler.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Stars_%26_Stripes_%26_Hitler_Dead2.jpg?uselang=pt

Em 30 de abril de 1945, Hitler suicidou-se com sua mulher, um dia depois do casamento. Seus corpos foram queimados nos jardins do Bunker, foi sua última ordem. A rendição incondicional da Alemanha foi assinada em 7 de maio de 1945 pelo almirante Karl Dönitz, sucessor nomeado por Hitler.

Antes do suicídio e da rendição, Hitler acelerou sua *solução final*.

2.1 A solução final: Auschwitz e o holocausto



Figura 20.4: Portão principal de Auschwitz I, onde se lê a frase “Arbeit macht frei” (“O trabalho liberta”).

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Auschwitz_gate_\(tbertor1\).jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Auschwitz_gate_(tbertor1).jpg)

A guerra começou com a invasão nazista ao território polonês e foi exatamente lá que o sistema de solução final para a questão judaica, o **genocídio**, foi mais intenso.

A **Figura 20.4** mostra o portão principal do mais conhecido campo de concentração (campo de extermínio), que fica localizado na Polônia, Auschwitz. Nele, milhares de judeus trabalharam até o limite de suas forças e, quando não mais conseguiram trabalhar, foram exterminados nas câmaras de gás, e seus corpos, incinerados em crematórios. No portão, consta a terrível frase “O trabalho liberta”!

Aproximadamente 6 milhões de judeus foram exterminados, fato que ficou conhecido como *Holocausto*. É importante dizer que eles não foram os únicos alvos da solução final. Ciganos, homossexuais, testemunhas de Jeová, presos políticos e prisioneiros de guerra soviéticos estavam, em número impreciso, entre as vítimas.

E acredite, a história de extermínio da 2ª Guerra Mundial ainda não tinha terminado.

Genocídio

Nome dado ao extermínio deliberado de um grupo de pessoas, tendo como motivações diferenças étnico-raciais, de nacionalidade, religiosas, entre outras.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 2

Analise a imagem a seguir e responda às questões.



Figura 20.5

Fonte: <http://ciml.250x.com/gallery/sowjetunion/patrioticwar/9.jpg>

1. A imagem traz um urso deixando um homem encurralado. Quem é o urso e quem é o homem? Escreva sobre esse contexto da 2ª Guerra Mundial.
2. O que vinha se apresentando no cenário da guerra antes do momento apresentado pela imagem?

Anote as respostas em seu caderno.

3. Fim de uma e início de outra

A guerra ainda não tinha terminado? Mas como, se Mussolini estava morto e a Itália derrotada; Hitler havia se suicidado e a rendição alemã tinha sido assinada?

Se lembra da guerra particular dentro da 2ª Guerra? Então, vamos ao último capítulo dela!

O confronto entre EUA e Japão ainda não tinha terminado. Parecia questão de tempo, já que as sucessivas vitórias estadunidenses em Iwo Jima e Okinawa tinham deixado os japoneses em frangalhos. Entretanto, os japoneses não se entregavam, resistiam até o fim com seus ataques *kamikazes* (suicidas).

Para o então presidente estadunidense, Harry Truman, era preciso algo mais drástico para forçar a rendição japonesa: lançar duas bombas atômicas – a arma de destruição em massa mais potente produzida até então. A primeira em 6 de agosto de 1945, na cidade de Hiroshima, e uma segunda, no dia 9 do mesmo mês, em Nagasaki. O que se viu além dos cogumelos de fumaça da imagem abaixo?

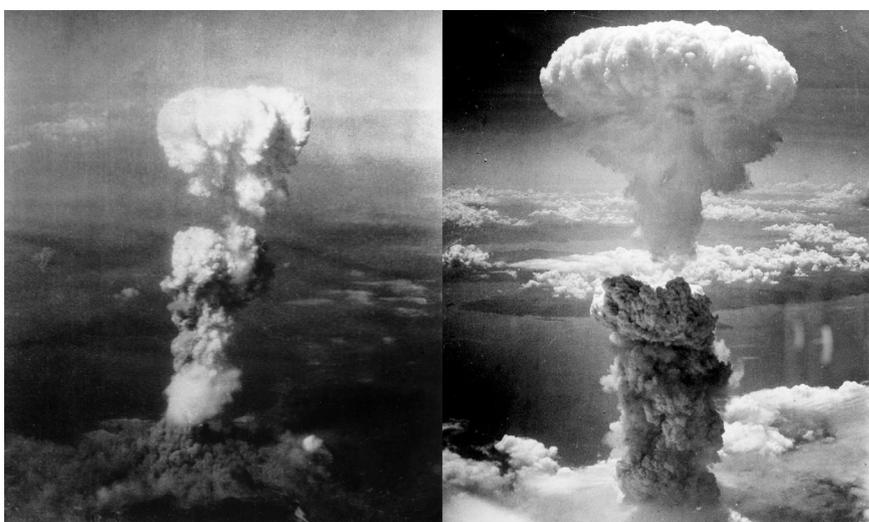


Figura 20.6: A nuvem de cogumelo sobre Hiroshima (esquerda) após a queda da Little Boy e sobre Nagasaki (direita), após o lançamento de Fat Man.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Atomic_bombing_of_Japan.jpg?uselang=pt

Um cenário de destruição e mortes. Os efeitos da radiação comprometeram a saúde das futuras gerações. A rendição só veio mesmo em setembro de 1945.

Mas existe um dado a mais nessa história, que precisamos revelar!

No início de agosto de 1945, o imperador japonês Hirofito havia autorizado seu embaixador a fazer acordos diplomáticos com o líder soviético, Stalin. A atitude foi interpretada como uma provocação inadmissível pelos EUA. O lançamento das bombas, portanto, serviu como uma demonstração de força ao mundo, em especial aos soviéticos.

Importante 

O destino do mundo pós-guerra

Na verdade, antes mesmo de terminar a guerra, o destino do mundo começou a ser desenhado. Em 1943, na Conferência Teerã (Irã), ficou decidido o desembarque aliado na Normandia e a divisão da Alemanha (após a derrota) em zonas das potências vencedoras. Além disso, ficou reconhecido o direito dos soviéticos sobre algumas regiões. Outros acordos importantes foram firmados durante o ano de 1945 nas Conferências de Yalta, São Francisco e de Potsdam, destacando-se a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), organismo responsável por manter a paz e a segurança internacionais; a divisão da Alemanha e de sua capital (Berlim) em quatro zonas de ocupação: inglesa, francesa, estadunidense e soviética; e a criação do Tribunal de Nuremberg para julgar os criminosos de guerra.

Terminava, então, a 2ª Guerra Mundial, deixando um rastro de destruição terrível e a semente de uma nova guerra, cujos protagonistas seriam os EUA e a URSS!

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 3

Uma guerra sempre deixa marcas profundas em seu tempo e nos que a sucedem. Descreva o cenário deixado pela 2ª Guerra Mundial.

Anote as respostas em seu caderno.

4. Outra guerra, agora a Fria

Respire fundo para recuperar o fôlego, porque essa guerra de fria não teve nada, afinal de contas, ela começou com as bombas atômicas no Japão, um recado dos EUA ao mundo e aos soviéticos.

Do final da 2ª Guerra até o fim dos anos 1980, o estado de tensão entre EUA e URSS foi permanente. Na verdade, o mundo viveu sob tensão em razão da ameaça de uma guerra nuclear. Fria? Só se for pelo fato de que isso não aconteceu! O equilíbrio do poder bélico entre as duas potências e a capacidade de destruição de seus respectivos arsenais nucleares dificultavam uma guerra direta e total. Que bom, pois isso poderia ter sido algo parecido com o fim do mundo! Não foi o fim, mas esse temor produziu um mundo bipolar, dividido em dois blocos: um capitalista, encabeçado pelos EUA, e outro comunista, encabeçado pela URSS.

Vamos conhecer um pouco das ações políticas de cada potência!

4.1 Os planos de disputa

Logo após o fim da 2ª Guerra Mundial, o presidente estadunidense Henry Truman colocou em ação um conjunto de medidas conhecido como *Doutrina Truman*, visando conter a influência soviética no mundo. Mas como barrar o comunismo soviético? Ciente de que as potências europeias estavam em profunda crise, afinal os confrontos pesados foram em seus territórios e a destruição humana e material foi enorme, os EUA, em melhor posição econômica, lançaram um plano para a reconstrução e recuperação da Europa, que chamaram de Plano Marshal. Bonzinhos, não é? Não foi bem por aí! O objetivo era garantir a hegemonia (domínio) na Europa ocidental. Posteriormente essa ajudinha foi dada a outros países fora do continente europeu. Na realidade, era uma estratégia ampla para levar vantagens econômicas, garantir apoio militar estratégico, expandir a ideologia capitalista, enfim, nada era de graça.

Enquanto isso, a URSS não estava apenas de espectadora da situação, e tratou de pôr em ação seus planos para conquistar suas áreas de influência. A situação econômica soviética não era tranquila como

a dos EUA, mesmo porque o saldo da 2ª Guerra Mundial foi de aproximadamente 20 milhões de mortos e as perdas materiais foram muitas. Mesmo assim, contra-atacaram com o Comecon (Conselho para Assistência Econômica Mútua) para fazer frente ao plano estadunidense.

Apesar de ser uma guerra “fria”, os dois lados se preparavam para o caso de a “temperatura” aumentar.

Em 1949, o bloco capitalista, encabeçado pelos EUA, assinou um acordo militar que resultou na fundação da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a Otan. Se mexer com um, vai ser ver com todos – era basicamente isso. Não ficando para trás, o bloco comunista, encabeçado pelos soviéticos, assinou um acordo militar semelhante, o Pacto de Varsóvia.

Assim, eles iam conquistando aliados e evitando uma guerra direta! Mas as disputas se deram em outros âmbitos, afinal, não foi só pelo medo que eles garantiram essas alianças: o convencimento era fundamental, mas para isso era preciso se mostrar melhor em tudo!

4.2 Rumo ao espaço



Figura 20.7: Yuri Gagarin, o primeiro humano no espaço.

Fonte: https://gv.wikipedia.org/wiki/Coadan:Gagarin_space_suite.jpg



Figura 20.8: Neil Armstrong, o primeiro homem a pisar na Lua.

Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Neil_Armstrong_pose.jpg?uselang=pt

Na *corrida espacial*, os soviéticos saíram na frente. Antes mesmo de levar Yuri Gagarin para o espaço na nave Vostok 1, no ano de 1961, os soviéticos haviam lançado no espaço os satélites artificiais Sputnik 1 e Sputnik 2. Um detalhe interessante é que no Sputnik 2 estava o primeiro ser vivo a entrar no espaço, a cadela Laika. Para quem queria conquistar a hegemonia mundial, foi uma bela demonstração de poder, afinal era importante conquistar a opinião pública!

Para os EUA, perder essa corrida espacial era inadmissível. A grande reação veio anos depois, em 1969, quando, levado pela nave espacial Apollo 11, Neil Armstrong se tornou o primeiro homem a pisar na Lua.

A tecnologia avançou muito nesse período. Para você ter uma ideia, URSS e EUA construíram estações orbitais: a *Slyut*, soviética e a *Skylab*, estadunidense. E não foi só isso, não: construíram satélites, sondas, telescópios e ônibus espaciais.

4.3 A guerra de imagens

Se a propaganda é a alma do negócio, EUA e URSS não fizeram por menos. Histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes e seriados de televisão foram usados para propagandear os feitos e a superioridade de ambos, além de, é claro, construir uma imagem negativa do outro.

Se lembra do James Bond? Apesar de não ser um agente espião estadunidense, é um claro exemplo de propaganda anticomunista!

Os EUA exploraram a oposição entre a liberdade, representada pelo *american way of life* (modo de vida americano), e a opressão, representa-

da pelo controle estatal soviético. Já a propaganda soviética, por outro lado, denunciava os problemas sociais de muitos países capitalistas, como a fome, a violência e a mortalidade infantil, apresentados como sinais da decadência e do caráter desumano do capitalismo.

Esse confronto foi tornado visível ao mundo também por meio do esporte. As disputas no quadro de medalhas nas várias edições das Olimpíadas durante a Guerra Fria mostravam o poderio de EUA e URSS.

Vamos lá, não dava para ficar só na propaganda, não é mesmo? Pois é, a URSS havia garantido aos trabalhadores e trabalhadoras direitos sociais que até então não se viam nos países do bloco capitalista. Para combater o prestígio soviético, foi posto em prática, principalmente nos países da Europa Ocidental, o chamado *Welfare State*, ou seja, o Estado de bem-estar social. Já ouviu algo sobre ele? Então, o Estado de bem-estar social se caracteriza pelo compromisso do poder público com a educação, a saúde e outros direitos sociais. O poder público, na maior parte dos países desenvolvidos e até mesmo em países da América Latina, como Argentina e Chile, se encarregou de garantir aos cidadãos saúde, educação, seguro-desemprego, direito a férias remuneradas e pensão para os trabalhadores aposentados por idade ou invalidez.

Olha que interessante: o *Welfare State* (Estado de bem-estar social), criado para afastar o prestígio que o socialismo despertava no Ocidente, acabou servindo para concretizar antigas reivindicações do movimento sindical, como a garantia de férias remuneradas e a licença-maternidade.

Pelo que foi visto até então, a guerra realmente foi fria. Mas não se engane! Vamos chegar aonde ela esquentou, e muito!

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 4

Uma das frases mais emblemáticas sobre a Guerra Fria é do filósofo e sociólogo francês Raymond Aron: “Paz impossível, guerra improvável”. Por que essa frase faz tanto sentido?

Anote as respostas em seu caderno.

4.4 Aqui esquentou

A tensão entre socialistas e capitalistas foi se agravando progressivamente no mundo. Vamos aos acontecimentos!

Na China, por exemplo, o clima já estava tenso desde o início do século XX, por conta de intermináveis guerras internas. Um pouco mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, a China se viu atacada pelo Japão, o que fez com que forças internas opostas se aliassem para combater os japoneses. Chiang Kai-shek, que havia chegado ao poder em 1928 com o apoio de grandes proprietários de terras, juntou forças contra a oposição comunista liderada por Mao Tsé-tung. Ao final da 2ª Guerra, com os japoneses expulsos do território chinês, a guerra interna ressurgiu com um progressivo avanço dos comunistas, apoiados pelos camponeses. Até que, em 1949, já no contexto da Guerra Fria, Mao Tsé-tung proclamou a República Popular da China, enquanto Chiang Kai-shek fugiu para Formosa (Taiwan) e lá instalou a China Nacionalista, com o apoio dos Estados Unidos. O clima no Oriente esquentou e não foi só na China!

Lembra que, ao fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo fora redesenhado territorialmente? Pois então, esse novo traçado dividiu a Coreia em dois países soberanos: a Coreia do Norte, sob a influência socialista soviética, e a Coreia do Sul, influenciada pelo capitalismo estadunidense. Já dá para imaginar o resultado? Conflitos! Eles eram constantes na fronteira entre as duas Coreias. Os norte-coreanos, apoiados pela China e pela União Soviética, avançaram militarmente sobre o sul. Por sua vez, os Estados Unidos saíram em defesa da Coreia do Sul e ainda conseguiram que a ONU autorizasse o envio de tropas internacionais para entrar no conflito. Fria? Não foi, não mesmo! A guerra da Coreia, que começou em 1950, só terminou em 1953, e por pouco não se transformou numa guerra nuclear, mas ainda assim deixou um rastro de destruição, tendo sido registrados mais de um milhão de mortos. O conflito acabou, mas a divisão da Coreia se manteve e o clima de hostilidade também!

A temperatura continuou a subir, só que, agora, na região da Indochina. Essa região tinha sido ocupada pelos japoneses durante a 2ª Guerra, e foi nesse contexto que surgiu um movimento de libertação nacional, composto por camponeses e liderado por Ho Chi Minh. Logo

após a derrota japonesa, Ho Chi Minh liderou a expulsão dos franceses, o que resultou na conquista da independência da região.

Mas por que expulsou os franceses? É que eles tinham colonizado a região! Dessa forma, estava resolvida a situação? O pior é que não, pois em 1954, na Conferência de Genebra, com o reconhecimento da França, a Indochina foi dividida em três países: Vietnã, Laos e Camboja. Até aí, tudo bem, o problema é que o Vietnã ficou dividido em duas partes até que fossem realizadas as eleições, em 1956. O Vietnã do Norte, sob o controle de Ho Chi Minh, era comunista, e o Vietnã do Sul tinha um governo capitalista. Imaginou a cena? Para piorar, temendo uma vitória comunista, o Vietnã do Sul não permitiu a realização das eleições e não deu outra: guerra!

Até por volta de 1964, os confrontos ficaram restritos aos dois Vietnãs, basicamente; porém, alegando um suposto ataque vietnamita do norte contra seus navios, o presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, decidiu bombardear o Vietnã do Norte. Muitos soldados e muitas bombas estadunidenses foram despejados no pequeno país asiático. Acredite, foram lançadas mais bombas lá do que nas duas guerras mundiais. Acredite também, apesar de tudo isso, os *vietcongues* (sul-vietnamitas que apoiavam o Norte) e os comunistas do Norte conseguiram vencer as forças do Sul e o estadunidenses. Em 30 de abril de 1975, a capital do Vietnã do Sul, Saigon, foi conquistada pelos comunistas e, logo em seguida, após a expulsão dos estadunidenses, o território vietnamita foi reunificado.

Curiosidades 🔍

A cobertura da Guerra do Vietnã

A Guerra do Vietnã foi a primeira a ter uma ampla cobertura da imprensa. Esse fato foi de grande importância para o desfecho da guerra. Para o governo estadunidense, foi um tiro no próprio pé, pois os horrores e os fracassos dos EUA foram exibidos pela cobertura televisiva, levando o governo a perder sua popularidade.

4.5 O inimigo mora ao lado



Figura 20.9: Barack Obama e Raúl Castro inauguram uma nova fase nas relações entre EUA e Cuba (2016).

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Press_conference,_Havana.jpg

Um gesto amigável entre Barack Obama (EUA) e Raúl Castro (Cuba)? Pois é, outros tempos! Porque nos tempos de Guerra Fria, Cuba era o inimigo e morava ao lado! Sim, a pequena ilha vizinha dos Estados Unidos se tornou uma grande ameaça ao capitalismo americano na América. Vamos entender como se deu essa história!

No fim do século XIX, os cubanos se viram livres do domínio colonial espanhol. A questão é que eles receberam uma ajuda dos Estados Unidos para isso. Na camaradagem? Não, ela não saiu de graça. Por meio de uma emenda na Constituição cubana, a chamada Emenda Platt (1901), os Estados Unidos ficavam autorizados a intervir em Cuba no caso de seus interesses serem ameaçados. Com um amigo desses, quem precisa de inimigo, não é mesmo? Sigamos!

Durantes os anos de 1950, a ilha cubana viveu sob a ditadura de Fulgêncio Batista, apoiado pelos Estados Unidos. A insatisfação com relação ao governo de Batista crescia e a oposição se mobilizava em torno dos guerrilheiros Fidel Castro e Che Guevara. Em janeiro de 1959, depois de intensos combates e apoiados por camponeses, os revolucionários cubanos assumiram o poder. No começo, se tratava de uma revolução nacionalista, mas tão logo Cuba se alinharia com os soviéticos.

Em 1961, as relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba foram desfeitas, mas o governo estadunidense não engoliu a situação de imediato, e ainda tentou uma virada quando, no mesmo ano, refugiados cubanos treinados pela CIA (Agência Central de Inteligência) tentaram ocupar a ilha. Esse episódio ficou conhecido como Invasão da Baía dos Porcos. A essa altura, já com o apoio soviético, os cubanos conseguiram derrotar os invasores. Sem sucesso com a invasão, o governo estadunidense decretou um bloqueio total do comércio com a ilha, na tentativa de sufocar o governo de Fidel Castro.

Pouco tempo depois, em 1962, aconteceu um dos episódios mais tensos da Guerra Fria, conhecido com a Crise dos Mísseis. A história foi a seguinte: os soviéticos estavam enviando mísseis nucleares para serem instalados em Cuba. O governo estadunidense descobriu e ameaçou invadir a ilha. Imaginou o que poderia acontecer? Uma guerra nuclear, ou seja, uma catástrofe! O mundo esteve à beira de uma guerra nuclear! Mas, como o prejuízo seria grande para ambos (EUA e URSS), eles chegaram ao seguinte acordo: os soviéticos retiraram os mísseis e os estadunidenses prometeram não intervir mais na ilha.

Mesmo com o bloqueio econômico dos Estados Unidos, Cuba conseguiu promover avanços sociais mais significativos do que os outros países latino-americanos entre os anos de 1960 e 1980. Zerou o analfabetismo, o desemprego e a miséria da ilha, tendo também avançado muito no atendimento de saúde pública, em que é referência ainda hoje. Entretanto, foi acusada de violar os direitos humanos, perseguir opositores e impedir a liberdade de expressão dos cidadãos. A partir dos anos 1990, com o desmantelamento do bloco comunista, Cuba ficou isolada!

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 5

Recentemente, o presidente dos EUA, Donald Trump, fez uma publicação na rede social Twitter sobre a guerra na Síria, em tom belicoso: “Mísseis virão”. Logo depois, fez outro tuite, alegando não ter dito quando nem se realmente isso aconteceria. A mídia logo repercutiu a publicação e começou a discutir sobre a possibilidade de um confronto

entre as grandes potências (EUA e Rússia), já que, sob o governo de Putin, a Rússia tem apoiado o governo sírio de Bashar al-Assad.

Guerra Fria outra vez? Não, mas algo em comum está presente: demonstrações de força. De que forma, na época da Guerra Fria, EUA e URSS se fizeram presentes nos bastidores dos conflitos? Cite alguns casos.

Anote as respostas em seu caderno.

5. Em busca da liberdade

A Guerra Fria teve muitos capítulos, podemos dizer que nos quatro cantos do mundo. Vamos entender um pouco mais dessa história!

Após o final da Segunda Guerra, os países da Europa concentraram seus esforços na reconstrução e recuperação econômica do continente, assim como nas disputas da Guerra Fria. Enquanto isso, suas colônias na África e na Ásia se lançavam nas lutas por independência.

Como isso aconteceu durante a Guerra Fria? Veja bem, na disputa pela hegemonia mundial, EUA e URSS apoiaram muitos países africanos e asiáticos nos movimentos de independência, com o objetivo de ocupar o lugar dos antigos impérios europeus. Não da mesma maneira, tomando posse do território, mas, sim, de forma a estabelecer uma influência política e econômica sobre os países recém-independentes.

Observe no mapa abaixo a quantidade de países surgidos no processo de descolonização.

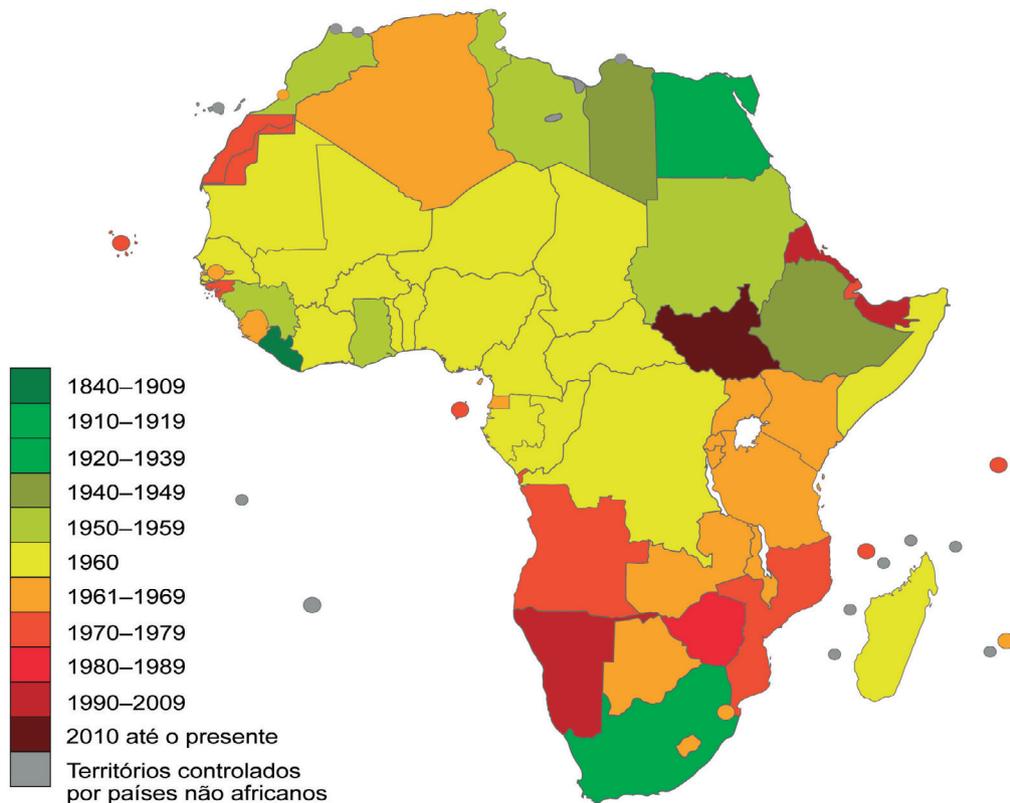


Figura 20.10: Descolonização africana (século XX).

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Africa_independence_dates.svg

Muito sangue foi derramado nessas lutas por independência na África, e mesmo após as independências, as feridas deixadas pela colonização continuaram abertas. Pense nesta situação: povos diferentes étnica e culturalmente, muitos rivais, inclusive, tendo que viver num mesmo território e sob um mesmo governo. Você pode imaginar o clima! Enfim, são muitos os países, como se vê no mapa. Vamos ver um pouco desse processo na África do Sul.

Já ouviu falar em *Apartheid*? Na língua africâner, quer dizer separação. Trata-se de um dos maiores absurdos da história da humanidade. Vamos aos fatos!

Em 1948, a África do Sul se libertou do domínio inglês, mas não das marcas desse passado colonial. Só para você ter uma ideia, uma minoria branca governava uma maioria negra impondo uma política racista, segregacionista, um *apartheid*. Se liga nas imagens da **Figura 20.11!**



Figura 20.11: *Apartheid*.

Fontes: <https://en.wikipedia.org/wiki/Apartheid#/media/File:DurbanSign1989.jpg>
https://www.kaapstadmagazine.nl/media_lib/preview/7692f9b1e26993a19136c58168cd85b9.preview.jpg

Tinha bancos para brancos e bancos para negros, é isso? Exatamente! Havia lugares nos ônibus para brancos, em que os negros não podiam se sentar. Normalmente os lugares reservados para os negros ficavam ao fundo dos ônibus. Na imagem da direita, esse absurdo só aumenta, o que a placa diz é “área para brancos”, isto é, uma praia que só gente branca podia frequentar. Foram décadas de *apartheid* na África do Sul.

No entanto, foram tempos de muita resistência também. Na década de 1980, as manifestações contra o regime de segregação foram violentamente reprimidas pelo governo. Toda essa violência repercutiu mal internacionalmente, provocando certa comoção, e várias sanções foram impostas ao país. Essa pressão internacional, juntamente com o movimento de resistência dentro da África do Sul, obrigou o governo a adotar algumas medidas para a integração dos negros no país. Em 1990, por exemplo, o CNA (Congresso Nacional Africano) foi legalizado e seu líder, Nelson Mandela, libertado após ter ficado preso por 27 anos. Após anos de luta, em 1994, realizaram-se eleições, as primeiras para um governo multirracial, e Nelson Mandela foi eleito presidente.

Na Ásia os movimentos em busca de libertação também estavam em curso contra o domínio europeu. Vamos ver o caso indiano!

Sistema de castas

Estrutura segundo a qual a posição ocupada pelos indivíduos na sociedade é transmitida de pai para filho e não pode ser mudada, ou seja, uma rígida e injusta divisão social.

Já ouviu falar em Gandhi?

Mahatma Gandhi foi o líder de um movimento de resistência pacífica contra o domínio inglês na Índia. Defendia o fim do milenar **sistema de castas** responsável por grandes injustiças sociais, além de pregar a tolerância religiosa. Gandhi liderou milhões de indianos que, por meio de protestos não violentos, como greves, passeatas e boicotes aos produtos ingleses, pressionaram os colonizadores a sair da Índia. Mas a paz e a tolerância religiosa pregada por ele não vieram com a conquista da independência, em 1947.

O território indiano foi dividido em três países: a Índia, de maioria religiosa hinduísta; o Paquistão, majoritariamente muçulmano, subdividido em Paquistão Ocidental e Paquistão Oriental; e o Sri Lanka, com predomínio da religião budista. Confuso, não é mesmo? Pois é, os conflitos religiosos resultaram em centenas de milhares de mortos. Nem mesmo o líder pacifista hindu Gandhi conseguiu escapar, e foi assassinado em 1948 por um fanático. Por qual razão? Intolerância religiosa!

Tempos depois, na década de 1970, a divisão territorial ainda teria mais mudanças: o Paquistão Oriental se tornou independente do Paquistão Ocidental, passando a se chamar República Popular de Bangladesh, tida como uma das nações mais pobres do mundo. A Índia, hoje em dia, desponta como uma das grandes economias do mundo, porém ainda com boa parte da população sofrendo com a miséria e as ações extremistas de diversos grupos políticos.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 6

Alguns historiadores não concordam com o termo *descolonização* para tratar dos processos de independência das regiões que viviam sob o domínio das grandes potências capitalistas. A palavra *descolonização* traria à frente do processo a atuação dos países colonizadores e deixaria em segundo plano aqueles que já vinham resistindo e lutando para se libertar daquele domínio. Mas afinal, quais foram os fatores que levaram a esse processo de libertação?

6. Clima quente no Oriente Médio

Houve conflitos nos quatro cantos do mundo mesmo! Ainda dentro do continente asiático, mais especificamente no Oriente Médio, o clima ficou bem tenso após a 2ª Guerra Mundial. Preste atenção na posição geográfica dessa região.



Figura 20.12: Mapa-múndi com destaque para a região do Oriente Médio.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Middle_East_\(orthographic_projection\).svg?uselang=pt](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Middle_East_(orthographic_projection).svg?uselang=pt)

O Oriente Médio fica estrategicamente posicionado entre três continentes: Ásia, África e Europa. Já imaginou? E ainda tem mais, lá tem muito petróleo. E então? Intensas disputas territoriais com o envolvimento das grandes potências. Adicione mais alguns ingredientes: diferenças étnico-culturais e religiosas. Um verdadeiro caldeirão!

Entre os principais conflitos na região, destaca-se, até os dias atuais, os que envolvem árabes e israelenses. É uma longa história, que começa com a dispersão dos judeus da Palestina para outras regiões no século I d.C. (*Díáspora*), ganha contornos dramáticos com a criação do Estado de Israel em 1948, e continua ainda em nossos dias. Vamos a um breve histórico!

No século XIX foi criada uma doutrina política chamada de Sionismo, favorável à reunião de todos os judeus em um único Estado, Israel. A questão é que, desde o século VII, a região da Palestina era dominada pelos árabes islâmicos. Complicado, não é mesmo?

A situação foi se complicando ainda mais, pois, ao fim da 1ª Guerra Mundial, a região foi submetida ao controle britânico, que, por sua vez, incentivou a emigração dos judeus para lá. O clima ficava cada vez mais tenso entre árabes e judeus, afinal, Jerusalém (“a terra santa”, para ambos!) fica naquela região.

Mas foi com o fim da 2ª Guerra Mundial que veio o desfecho. O drama vivido pelos judeus diante da política de extermínio do nazismo pôs na ordem do dia da recém-criada ONU (Organização das Nações Unidas) a questão da Palestina. Em 1947, a ONU recomendou a divisão do território em dois Estados, o de Israel e o da Palestina, independentes. Entretanto, em 1948 foi criado o Estado de Israel. Já o Estado palestino, até hoje não existe.

Os países árabes vizinhos não aceitaram bem essa decisão e logo partiram para o ataque contra Israel. A resposta israelense veio com o apoio dos EUA, ocupando o território que estava destinado aos palestinos. Assim se seguiram os conflitos e Israel, fortalecido militarmente com o apoio estadunidense, foi alargando seu território, expulsando e massacrando os palestinos, como na *Guerra dos Seis Dias*.

Importante

Guerra dos Seis Dias

Em 1967, uma aliança entre Egito, Jordânia e Síria bloqueou o canal de Suez para a navegação comercial israelense. Imagine a reação de Israel! Isso mesmo. Foi imediata. As forças armadas de Israel atacaram os três países. Em seis dias, Israel conquistou o Sinai, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, as colinas de Golã e a parte oriental de Jerusalém. Entendeu por que Guerra dos Seis Dias? Ela durou literalmente seis dias. Um detalhe importante é que nos bastidores estavam os EUA apoiando Israel e a URSS prestando apoio ao Egito e, sobretudo, à Síria. Olha a Guerra Fria aí, gente!

Ainda está faltando um ingrediente para esquentar ainda mais esse caldeirão, o “ouro preto”, ele mesmo, o petróleo!

Para variar, em 1973 rebentou mais uma guerra, a do Yom Kippur (nome dado ao feriado judaico do Dia do Perdão). Os exércitos do Egito e da Síria avançaram em direção ao Sinai e às colinas de Golã. Israel, dessa vez, com a ajuda dos EUA, conseguiu deter a ofensiva árabe e venceu a guerra. Como retaliação, os países árabes cortaram o fornecimento de petróleo aos países simpatizantes de Israel. Isso gerou graves crises econômicas no mundo todo.

E nada foi feito para tentar apaziguar os ânimos? Até foi, mas sem muito sucesso.

Em 1993, com o fim da Guerra Fria, a situação melhorou um pouco. Alguns acordos foram assinados, Israel se comprometeu a se retirar aos poucos dos territórios ocupados. Também foi criada a Autoridade Nacional Palestina (ANP), uma espécie de governo para a região desocupada, tendo como presidente Yasser Arafat. Acontece que esses acordos esbarraram em muitas divergências quanto à posse da terra, ao destino dos palestinos refugiados, enfim, o clima esquentou novamente e, em 2000, teve início a segunda *Intifada*.

Importante

As intifadas

A primeira “guerra das pedras” foi em 1987, quando os palestinos iniciaram uma rebelião contra a ocupação israelense. Com paus e pedras, eles enfrentaram mais uma vez as forças israelenses no ano 2000, por conta da expansão judaica sobre territórios palestinos. Nessa segunda intifada, morreram cerca de 4.500 pessoas, sendo 75% palestinas. Um verdadeiro massacre!

A situação na região se complicou ainda mais após a morte do líder árabe Yasser Arafat, em 2004, quando teve início uma disputa interna entre **Fatah e Hamas** pelo poder. A vitória foi de Mahmoud Abbas, do Fatah, em 2005. Já nas eleições para o Parlamento, em janeiro de 2006,

Fatah e Hamas

Organizações políticas que lutam pela libertação da Palestina.

o grupo Hamas venceu. Em outras palavras, dentro da própria ANP, dois grupos que divergem radicalmente estão no comando. Abbas, do Fatah, defende as negociações com Israel, mas o Hamas é contrário a qualquer aproximação com o Estado judeu.

Em 2015, a Santa Sé (o Vaticano), sob o comando do Papa Francisco, reconheceu formalmente o Estado Palestino; por outro lado, Estados Unidos e outros países europeus foram contrários a essa ideia. O impasse continua até hoje no Oriente Médio. A paz tão desejada na região não foi alcançada e parece estar longe de chegar.

Anote as respostas em seu caderno.

Atividade 7

A tensão entre israelenses e palestinos é permanente e engloba uma série de questões. Como se não bastassem as divergências próprias desses dois povos, outros países insistem em botar mais lenha nessa fogueira. Recentemente, em 14 de maio de 2018, o presidente estadunidense Donald Trump transferiu a embaixada dos Estados Unidos de Israel para Jerusalém, gerando muita revolta entre os palestinos, que foram atacados violentamente pelas forças militares israelenses.

Quais são os principais fatores que explicam esse conflito histórico?

Anote as respostas em seu caderno.

7. Cai o muro e esfria a guerra

Já nos anos 1970, nos governos de Richard Nixon (EUA) e Leonid Brejnev (URSS), políticas visando uma reaproximação (*détente* ou *distensão*) vinham sendo tomadas, estabelecendo limites para os programas nucleares e armamentistas, mas isso ainda não era o bastante para acabar com o clima de tensão entre os dois blocos.

O clima foi esfriando na Guerra Fria com o passar do tempo, por conta do enfraquecimento econômico da União Soviética. Isso ocorreu sobretudo a partir dos anos 1980, devido à diminuição da produção indus-

trial, ao enfraquecimento do mercado interno e às reformas na estrutura do Estado soviético, com a chegada ao poder de Mikhail Gorbatchev.

Gorbatchev assumiu em um quadro de profunda crise no bloco socialista e, para enfrentar essa situação, pôs em prática a reestruturação econômica (abrindo para uma economia de mercado, entre outras medidas), chamada de *Perestroika*, e a abertura política (fim do regime de partido único), conhecida como *Glasnost*.

Tais reformas produziram muitos conflitos internos e acabaram abrindo caminho para a desagregação do bloco comunista. Na Alemanha, por exemplo, dividida desde o fim da 2ª Guerra Mundial entre Ocidental (capitalista) e Oriental (comunista), os anseios pela unificação encontraram nesse movimento reformista a força necessária para pôr abaixo o maior símbolo da Guerra Fria, o Muro de Berlim, derrubado pela população em novembro de 1989.



Figura 20.13: Pessoas derrubando o Muro de Berlim a marretadas.

Fonte: <https://de.wikipedia.org/wiki/Datei:BerlinMauer1989-1.jpg>

.O bloco comunista se desintegrava e, em 1991, Gorbatchev declarou a autonomia das repúblicas: no lugar da União Soviética, surgiu uma Comunidade de Estados Independentes das várias ex-repúblicas. Era o fim da URSS e o fim da Guerra Fria!

Resumo

- A escalada nazifascista, vista pelos países capitalistas como um freio ao comunismo soviético, acabou levando à Segunda Guerra Mundial. Por meio de acordos estratégicos, Hitler conseguiu iniciar a guerra em uma frente só, a ocidental, obtendo vitórias consecutivas.
- A situação no *front* de batalha ganhou outro rumo quando entraram em cena a União Soviética e os EUA. No lado da Europa Oriental, os soviéticos impuseram a derrota aos nazistas, já do lado ocidental, a entrada dos Estados Unidos, juntamente com os outros aliados, imprimiu as derrotas do Eixo.
- Ao final da 2ª Guerra, havia um rastro de destruição e mortes e o início de um novo conflito, que poderia ter levado o mundo ao colapso por conta das armas nucleares, a chamada Guerra Fria (EUA x URSS).
- A Guerra Fria teve os EUA encabeçando o bloco capitalista contra a URSS encabeçando o bloco socialista; as nações travaram um confronto em vários âmbitos: armamentista, nuclear, de tecnologia espacial, esportivo etc. Além disso, buscaram a hegemonia mundial conquistando áreas de influências: agiram nos bastidores dos vários conflitos que ocorreram à época.
- A busca pela liberdade nas antigas áreas coloniais (África e Ásia) ganhou impulso após a 2ª Guerra Mundial e foi influenciada pela Guerra Fria. Nesse período, surgiram vários países que, mesmo independentes, ainda hoje sofrem com as marcas históricas deixadas pela colonização.
- Os conflitos no Oriente Médio têm, no geral, uma estreita relação com a Guerra Fria. A instalação do Estado de Israel, em 1948, ativou uma série de rivalidades e confrontos entre árabes e judeus. Questões de ordem religiosa e histórica foram potencializadas pelas interferências externas de países que têm grandes interesses econômicos e estratégicos na região. Os conflitos se arrastam até os dias atuais, em que os palestinos vêm sendo massacrados pelo Estado de Israel.

Respostas das Atividades

Atividade 1

Não tinha interesse, pois, para os países capitalistas, a Alemanha nazista cumpria o importante papel de barrar a expansão do comunismo soviético. O resultado foi o avanço nazifascista e, por consequência, a 2ª Guerra Mundial.

Atividade 2

1. O urso representa a URSS e o homem é o líder da Alemanha nazista, Hitler. Era o início do fim para Hitler: a reação soviética impôs sucessivas derrotas aos nazistas pelo lado oriental da Europa, pondo abaixo o “mito da invencibilidade” alemã. Já pelo lado ocidental, a chegada dos EUA na guerra também foi fundamental para a derrota do Eixo.

2. Até então, as tropas do Eixo estavam levando vantagem na guerra. A estratégia nazista de guerra-relâmpago vinha funcionando e praticamente toda a Europa já estava dominada.

Atividade 3

Um cenário de destruição, mortes e apreensão quanto ao futuro da humanidade. Ao final da guerra, o clima de tensão permaneceu diante da bipolarização entre EUA e URSS.

Atividade 4

Ela faz sentido pois as disputas para conquistar a hegemonia ideológica, política e econômica eram intensas e em setores diferentes. Por isso a paz estava longe, mas a guerra entre URSS e EUA era improvável, justamente pela grande capacidade de destruição de ambos; as bombas atômicas eram uma espécie de freio, apesar de essa ameaça quase ter chegado às vias de fato.

Atividade 5

Se fizeram presentes ideologicamente e com o poder das armas, financiando os conflitos, ou seja, mostrando o quanto eram poderosos

e demarcando seus espaços. As guerras na Coreia e no Vietnã são provas disso.

Atividade 6

As lutas já aconteciam dentro das regiões dominadas. Como exemplo, temos o movimento de resistência pacífica liderado por Gandhi, e tantos outros. Mas junto a isso, a participação das grandes potências na 2ª Guerra Mundial as fragilizou, o que acabou contribuindo para o fortalecimento das resistências nas regiões dominadas.

Atividade 7

São muitos e complexos. Até a criação do Estado de Israel, os judeus viviam como uma nação sem Estado desde a Antiguidade. A região da Palestina é como uma “terra prometida” para eles e para os árabes muçulmanos que residem lá desde muito tempo atrás. Portanto, a questão religiosa pesa nesse conflito. Além disso, ainda existem interesses econômicos estrangeiros naquela região rica em petróleo.

Exercícios

1. Estabeleça a correspondência:

- | | |
|----------------------|--|
| a) Blitzkrieg | () Guerra-relâmpago |
| b) Kamikaze | () Cidade arrasada pela bomba atômica |
| c) Solução final | () Piloto suicida utilizado pela aviação japonesa |
| d) As nações do Eixo | () Extermínio dos judeus |
| e) Nagasaki | () Japão, Itália e Alemanha |

2. As tramas sobre espionagem são muito exploradas pelo cinema, o grande exemplo é o agente 007, James Bond. Todo esse interesse sobre esse tema tem um precedente histórico, a Guerra Fria. A CIA (Agência de Inteligência), dos Estados Unidos, e a KGB (Comitê de Segurança do Estado), da URSS, espalharam seus espiões como parte de suas estratégias para conseguir a hegemonia (controle) mundial. Cite dois outros campos em que EUA e URSS investiram para demonstrar força e conquistar apoio.

- 3.** Em 1955, os países africanos e asiáticos recém-independentes se reuniram em Bandung, na Indonésia, para lançar os princípios do “não alinhamento”, ou seja, a neutralidade em relação aos Estados Unidos e à União Soviética, embora essa neutralidade fosse impossível. Por que era impossível?
- 4.** Em 1990, o líder iraquiano Saddam Hussein decidiu invadir o Kuwait. O motivo? As reservas petrolíferas do país. Como consequência, tropas da Otan atacaram o Iraque, naquela que podemos chamar de primeira guerra “quente” após o fim da União Soviética e da Guerra Fria. Outras guerras “quentes” já tinham acontecido na Guerra Fria, exceto a:
- a) Guerra do Vietnã.
 - b) Guerra do Golfo.
 - c) Guerra dos Seis Dias.
 - d) Guerra da Coreia.
- 5.** Grande parte dos conflitos no Oriente Médio que estampam as páginas dos jornais no mundo são desdobramentos de confrontos iniciados na Guerra Fria. Os conflitos entre palestinos e judeus também podem ser compreendidos dessa forma?
- a) Não, porque a única questão entre eles são as divergências religiosas, que tiveram início bem antes.
 - b) Sim, porque antes não existia esse clima de tensão entre árabes e judeus.
 - c) Não, porque EUA e URSS não tiveram nenhuma interferência na criação do Estado de Israel em 1948.
 - d) Sim, porque o Estado de Israel foi criado em 1948 pela ONU, levando em consideração os interesses judeus e deixando os palestinos apenas com a promessa de um Estado Palestino, até hoje impossibilitado por diversos interesses, inclusive estadunidenses.

Respostas dos Exercícios

1. (a), (e), (b), (c) e (d)
2. Na corrida espacial, demonstrando o poder tecnológico capaz

de conquistar o espaço; na guerra de imagens, tentando produzir uma imagem de superioridade, o que pode ser notado nas disputas esportivas.

3. Porque era o período da Guerra Fria, o que significa dizer que, de algum modo, EUA e URSS exerceram algum papel, alguma influência nesses novos países.
4. Letra B.
5. Letra D.